COLECÇÃO DE FILOSOFIA & ENSAIOS

*A UTOPIA*, Tomás Morus
*ELOGIO DA LOUCURA*, Erasmo
*ESTÉTICA*, Hegel (7 vols.)
*A CIDADE DO SOL*, Campanela
*O BANQUETE*, Kierkegaard
*A CONQUISTA DA FELICIDADE*, B. Russell
*VIDA NOVA*, Dante
*MONARQUIA*, Dante
*O PRÍNCIPE*, Maquiavel
*ENTRE DOIS UNIVERSOS*, F. Figueiredo
*UM FERNANDO PESSOA*, Agostinho da Silva
*O RISO*, Bergson
*PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA*, Descartes
*AS APROXIMAÇÕES*, Agostinho da Silva
*OS CAVALEIROS DO AMOR*, Sampaio Bruno
*O ENIGMA PORTUGUÊS*, F. da Cunha Leão
*OPÚSCULOS*, Pascal
*ESTUDOS GERAIS*, Álvaro Ribeiro
*TEORIA DO SER E DA VERDADE*, José Marinho
*INICIAÇÃO FILOSÓFICA*, K. Jaspers
*ECCE-HOMO*, Nietzsche
*CINCO MEDITAÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA*, N. Berdiaeff
*UM COLECCIONADOR DE ANGÚSTIAS*, F. Figueiredo
*O SIMPÓSIO*, Platão
*O HOMEM*, J. Rostand
*ASSIM FALAVA ZARATUSTRA*, Nietzsche
*CONVÍVIO*, Dante

GUIMARÃES EDITORES, LDA.

ISBN 972-665-126-3

PLATÃO FEDRO

COLECÇÃO FILOSOFIA & ENSAIOS

# PLATÃO
# FEDRO

GUIMARÃES EDITORES • LISBOA

COLECc;:AO FILOSOFIA & ENSAIOS

# FEDRO
## OU
# DA BELEZA

*OBRAS DE PLATÃO*
*NA COLECÇÃO FILOSOFIA E ENSAIOS*

❧



PLATÃO

# FEDRO OU DA BELEZA

*TRADUÇÃO E NOTAS DE*

PINHARANDA GOMES

*SEXTA EDIÇÃO*

LISBOA
GUIMARÃES EDITORES
2000

Título em grego: ΦΑΙΔΡΟΣ [ἢ περὶ καλοῦ ἠθικός]
Tradução de PINHARANDA GOMES

(Nesta tradução foi seguido o texto estabelecido por Léon Robin. Paris, «Les Belles Lettres», 1966)

# SUMÁRIO

# Prólogo

*Sócrates* — Para onde vais a esta hora, meu caro Fedro, e de onde vens? 227

*Fedro* — Venho de casa de Lísias [1], o filho de Céfalo [2], caro Sócrates, e vou dar um passeio até lá fora das muralhas. Estive muito tempo com Lísias, passei toda a manhã sentado! Ora, seguindo os conselhos do nosso comum amigo Acúmeno [3], costumo dar os meus passeios por caminhos longos, porque

[1] Lísias, mestre de retórica, era o que pode designar-se por um logógrafo, isto é, um redactor de discursos. De origem meteca, juntou-se aos democratas, depois que os trinta Tiranos subiram ao poder, tornando-se publicano, ou seja, corrector de fundos. Morava no Pireu e, segundo a tradição, foi um dos implicados na intriga que levou Sócrates ao tribunal e à subsequente condenação à morte pela cicuta. Este diálogo é deveras áspero para com Lísias, sendo de admitir que Platão teve a pronunciada intenção de o sujeitar ao ridículo, como forma de vingança pelo seu mau comportamento para com Sócrates.

[2] Céfalo, pai de Lísias, meteco e armeiro, que se fixou no Pireu, a convite de Péricles.

[3] Acúmeno, o amigo de Fedro, era o pai de Erixímaco, o médico que aparece no diálogo *O Simpósio*. Também era médico.

são muito mais salutares do que os passeios debaixo das arcadas.

*Sócrates* — E Acúmeno tem muita razão, meu caro, podes estar certo! Mas, pelo que me dizes, Lísias encontra-se então na cidade?

*Fedro* — Sim, em casa de Epícrates [1], aquela casa que, como sabes, fica perto do templo de Zeus Olímpico, a Moricana [2].

*Sócrates* — Sim, e então em que passaste o tempo? Tenho a certeza de que Lísias te regalou com a sua eloquência!

*Fedro* — Contar-te-ei, se nada te impedir de me acompanhar e escutar.

*Sócrates* — Mas que ideia! Não te parece que eu sou, como diz Píndaro, um homem disposto a *sacrificar todos os impedimentos ao cuidado* de ouvir narrar a conversa que Lísias e tu tivestes?

*Fedro* — Nesse caso, acompanha-me!

*Sócrates* — Podes contar…

*Fedro* — Sim, Sócrates, tanto mais que o que vou dizer é assunto da tua predilecção. Com efeito, o assunto de que nos ocupávamos tinha, não sei por que motivo, relação com o Amor. Convém esclarecer que Lísias escrevera uma dessas declarações que se fazem aos jovens belos, mas a declaração não parecia a carta de um amante. Mas, e nesse ponto reside o

[1] Epícrates, célebre demagogo e amigo de Lísias.

[2] Mórico, um plutocrata ateniense de costumes duvidosos, dava o nome a esta mansão.



engenho, ele diz que se devem prestar favores não ao que ama, mas sim ao que não ama.

*Sócrates* — Oh! Que homem sagaz! Poderia ter escrito, que é melhor ser complacente com o pobre do que com o rico, com o velho do que com o novo, e, regra geral, com todos os que sofrem as misérias de que todos sofremos. Aí está uma interessante tarefa, cuja civilidade serviria o interesse dos jovens… Contudo, acredita, estou com tamanho desejo de te ouvir que, pudesses tu prolongar o passeio até Mégara e, de acordo com o treino de Heródico [1], ir daí às muralhas, não deixaria de te acompanhar, mesmo que tivesse de voltar a seguir os teus passos!

*Fedro* — Que te parece, excelente Sócrates, achas que eu, um simples profano, poderia repetir dignamente, de cor, à altura do seu autor, o que Lísias, o mais hábil dos escritores contemporâneos, escreveu em tanto tempo e com tanta paciência? Ah! Antes assim fosse, pois isso significaria para mim mais do que ganhar uma grande fortuna!

*Sócrates* — Fedro, se eu não te conhecesse, Fedro, isso seria porque, então, nem sequer me conheceria a mim próprio! Mas não, nem uma coisa nem outra são verdadeiras! Estou certo de que ele não ouviu uma só vez o discurso de Lísias, que pediu para

[1] Heródico, atleta e professor de educação física. Vivia em Mégara e fazia um treino regular que consistia numa corrida pedestre entre aquela localidade e as muralhas de Atenas, e vice-versa. Aparece também no *Protágoras*, 316, e na *República*, III, 406 a.

lhe ser repetido várias vezes, voltando sempre a insistir, e Lísias acedeu sempre. E, como isso não bastasse, tomou o manuscrito, e ei-lo relendo as passagens que achara mais interessantes; finalmente, cansado de tamanho esforço e de estar sentado a manhã inteira, ei-lo que sai para dar o seu passeio, tendo já decorado (juro-o pelo Cão) [1] o discurso de uma ponta à outra, caso não aconteça ser demasiado longo. E, se ia passear para fora das muralhas, era porque pretendia exercitar-se a recitá-lo! Entretanto, encontra um homem cuja pior doença é a de gostar de ouvir discursos; ao ver este homem, Fedro regozijou-se por ter encontrado alguém que se associasse ao seu delírio coribântico [2] e por isso o convidou a fazer-lhe companhia. No entanto, solicitado a falar, pelo homem que tem a paixão dos discursos, fingiu não estar interessado, recusando-se como se não fosse seu desejo falar e, todavia, o desejo era tão forte, que acabaria por obrigar alguém a ouvir, à força, caso ninguém estivesse disposto a ouvi-lo. Por conseguinte, Fedro, pede-lhe que faça imediatamente e de uma só vez aquilo que acabaria, afinal, por fazer!

[1] Nos diálogos de Platão, Sócrates utiliza frequentemente esta invocação. Cf. *Górgias,* 482 b. Possível plebeísmo egípcio, que Platão introduziu na sua obra.

[2] Coribantes, os prosélitos de um culto dionisíaco a Cibele, de excessivo desregramento que, por isso, não eram vistos com bons olhos. Umas das cerimónias a que mais se prestavam consistia numa procissão em que, ateando fachos, corriam, fazendo grande alarido.



*Fedro* — Na verdade, julgo que o melhor é recitar o discurso como sei, pois estou certo de que não me deixarás enquanto eu não tenha tomado a palavra, pouco te importando a maneira, boa ou má, como fale!

*Sócrates* — Efectivamente, no que me diz respeito, tens toda a razão!

*Fedro* — Está bem, seja, farei como disse. Na verdade, caro Sócrates, a questão é que não consegui decorar o discurso palavra por palavra. Por isso, procurarei expor com exactidão tudo o que Lísias escreveu sobre a diferença do homem que ama e do homem sem amor, focando cada um dos pontos, sumariamente, mas por ordem, a começar pelo primeiro.

*Sócrates* — Está bem, mas antes mostra-me, meu amigo, o que escondes com a mão esquerda por debaixo do manto... Quase juro que é o discurso! Se de facto assim é, fica sabendo que gosto muito de ti, mas que, estando Lísias presente dessa maneira, não estou disposto a deixar-me utilizar como ouvinte de um discurso repetido, não achas? Vamos, mostra lá isso.

*Fedro* — Pronto, Sócrates! Acabas de deitar por terra o meu sonho de efectuar contigo [1] uma expe-

[1] Fedro oferece a Sócrates um ponto fraco. Efectivamente, mais adiante, Sócrates inventará o mito do deus Thoth, para demonstrar que a memória não tem a importância que Fedro lhe atribui.

riência de memória, mas diz-me: onde nos sentaremos para ler o discurso?

*Sócrates* — Deixemos a estrada e caminhemos ao longo do Ilisso [1]. Quando encontrarmos um local que julgues aprazível, sentar-nos-emos.

*Fedro* — Parece que nem de propósito vim sem sandálias! Quanto a ti, já é costume andares descalço, como toda a gente sabe [2]. De qualquer maneira não deixará de ser agradável meter os pés na água e caminhar ao longo da margem deste rio, e mais agradável ainda será nesta estação, e a esta hora do dia.

*Sócrates* — Nesse caso caminha e vai procurando um lugar onde nos possamos sentar.

*Fedro* — Vês, lá adiante, aquele plátano alto?

*Sócrates* — Vejo, sim!

*Fedro* — Ali há sombra, uma brisa suave, relva para nos sentarmos e, se quisermos, para nos estendermos!

*Sócrates* — E se caminhasses?

*Fedro* — Diz-me, Sócrates, não é verdade que foi aqui, nas margens do Ilisso, que Bóreas [3] raptou Orítia [4]? Ou foi na colina de Ares? De facto, a lenda

[1] Ilisso, ribeiro nas cercanias de Atenas.

[2] Como Platão refere noutros diálogos (cf. *O Simpósio*) Sócrates tinha o costume de andar descalço.

[3] Bóreas, filho de Astreu e da Aurora. Figuração do vento norte, ou boreal que, na Grécia, é um vento forte, de origem continental.

[4] Orítia, filha de Ereteu, rei de Atenas, que teria coabitado com Bóreas, dando origem a ventos moderados, as brisas.



corre também com esta versão, que foi ali e não aqui, que ela foi raptada...

*Sócrates* — Efectivamente assim é.

*Fedro* — Enfim, quem sabe se não teria sido aqui mesmo! Que encanto, que pureza, que transparência, oferecem aos olhos estes fios de água, e como as margens se prestam às brincadeiras das jovens não achas?

*Sócrates* — Não, não foi aqui, foi mais adiante uns dois ou três estádios [1], no local onde se atravessa o rio, em direcção ao santuário de Agra [2]. Lá se encontra um altar em honra de Bóreas!

*Fedro* — Não prestei atenção a isso mas, por Zeus, diz-me, Sócrates, acreditas nessa lenda, achas que é verdadeira?

*Sócrates* — Se eu fosse um incrédulo como os Doutores [3], não seria um homem extravagante; além disso, afirmaria que ela tinha sido arremessada dos rochedos próximos por um vento boreal, enquanto brincava com Farmacéia [4], e que das próprias circunstâncias da sua morte nasceu a lenda do seu rapto por Bóreas. Por mim, caro Fedro, qualquer uma des-

[1] Estádio: 164 metros. A distância em causa deveria ser aproximadamente de meio quilómetro.

[2] Agra, local onde se encontrava um santuário em honra de Artemisa.

[3] Doutores: Sócrates ironiza com os pretensos mestres que de tudo parecem duvidar para, no fim de contas, não duvidarem realmente de coisa alguma. Anaxágoras, que explicava a mitologia pela física, pode ser um dos visados.

[4] Farmacéia, nome de um local onde brotava uma fonte, cuja ninfa tinha aquele nome.

sas explicações tem a sua validade, mas para isso torna-se necessário muito génio, muito trabalho e aplicação e não encontramos nisso a felicidade. Seria necessário interpretar seguidamente a imagem dos Hipocentauros [1], depois a de Quimera [2] e, então, seríamos submergidos por uma enorme multidão de Gorgónias [3] ou de Pégasos [4], por outras criaturas multitudinárias e bizarras, por criaturas inimagináveis e por monstros legendários! Se, por incredulidade, se conceder a cada uma destas figuras a medida da verosimilhança fazendo uso, para tanto, de não sei que grosseira sabedoria, nem sequer teremos um momento de ócio! Ora, eu não dedico o meu ócio a explicações desse género, e fica sabendo por que motivo, meu caro: ainda não consegui, até agora, conforme recomenda a inscrição délfica, conhecer-me a mim mesmo; por isso, vejo quanto seria ridículo, eu, que não tenho o conhecimento de mim mesmo, me dedicasse a estudar coisas que me são

230

[1] Figuras mitológicas híbridas, com corpo humano e cabeça de cavalo.

[2] Quimeras, entes mitológicos, de corpo tripartido pelas espécies de leão, serpente e cabra. O substantivo próprio grego transitou ao latim já como nome comum e tendo o significado de «objecto fictício» — significado muito próximo do que actualmente lhe é dado: quimera ou sonho irrealizável.

[3] Gorgónias, figuras mitológicas de cujas cabeças nasciam serpentes, em vez de cabelos. Na extensa galeria da mitologia grega este mito é, como os demais, fundamentalmente antropoqógico.

[4] Pégaso, o cavalo alado.



estranhas [1]. Em vista disso, dou a esses mitos a importância que merecem e, quanto ao seu tema, limito-me a seguir a tradição. Digo-o a todo o momento: não são as lendas que investigo, é a mim mesmo que examino. Talvez não passe de um animal mais estranhamente esquisito e mais impante de orgulho do que Tifão [2], talvez eu seja um animal mais pacífico e menos complexo cuja natureza participa de não sei que destino divino e que não se deixa possuir pelo orgulho?... Mas... eis que chegámos à árvore para junto da qual tu, camarada, me conduzias...

*Fedro* — Exactamente! É mesmo esta!

b

*Sócrates* — Oh, por Hera [3], que lugar aprazível! Na verdade, este plátano não só faz muita sombra como também é muito alto; e este agnocasto, como é imponente e como oferece uma sombra magnífica! Na plenitude da floração, não admira que este local seja percorrido por um aroma delicioso! Além disso, há o encanto sem par desta fonte que rebenta sob o

[1] Sócrates insiste na necessidade de o homem *reflectir-se:* ele, homem, sujeito e objecto de uma análise que não é, nem a introspecção freudiana, nem o exame de consciência moral. A reflexão socrática constitui a reflexão pura e simples, que toma o indivíduo como ser simultaneamente abstracto e concreto, e procura nele encontrar as razões das primeiras causas.

[2] Tifão, deus dos vulcões. Platão faz derivar este nome do substantivo τυ φ ῶνος, que significa, em português, o que *tem o poder de cegar.*

[3] Mulher de Zeus, a maior das deusas.

plátano, a frescura da sua água: basta mergulhar nela o pé para o verificar! A julgar por estas figuras, pelas estátuas dos deuses, sem dúvida que ela foi consagrada às Ninfas, a Aquelô. Não te encanta o ar puro que se respira aqui, não é ele desejável e prodigiosamente agradável? Cristalina melodia do verão, que faz eco ao canto das cigarras! O mais agradável de tudo é, no entanto, esta relva, com a doçura natural da sua densidade, que permite que a gente se deite e possa sentir a cabeça como numa almofada. Verifico que um estrangeiro não poderia arranjar melhor guia do que tu, meu caro Fedro!

*Fedro* — E tu, mirífico amigo, tu és o homem mais extraordinário que já se viu. De facto, parece que pretendes passar por um estrangeiro, que alguém orienta, e não por um natural daqui. A razão é porque te manténs sempre na cidade, nunca de lá saindo, nem para viajar para além dos seus muros, se bem me parece [1]!

[1] Conforme se encontra dito noutros diálogos de Platão, especialmente em *O Simpósio,* Sócrates era um filósofo pedestre, pois gastava o tempo nas ruas de Atenas, à procura de quem pretendesse «conversar» e «dialogar». Apesar de andarilho, como aliás o texto refere, não tinha por hábito sair da cidade, justificando esse facto com o argumento de que só nela podia encontrar os homens que lhe podiam ensinar alguma coisa. É evidente que, por detrás do facto histórico referido por Platão, há a salientar a ironia que do comentário se desprende. No fundo, o cepticismo socrático sabia muito bem que, na cidade, pouco podia aprender.



*Sócrates* — Sê indulgente comigo, meu bom amigo, não vês que o meu desejo é aprender e que, sendo assim, o campo e as árvores nada me podem ensinar, ao contrário dos homens da cidade? Mas parece-me que descobriste o remédio capaz de me obrigar a sair! Não é agitando um ramo de folhas ou um fruto diante dos animais, quando têm fome, que se consegue levá-los para onde se pretende? Assim tu procedeste para comigo! Tentando-me com um discurso que conseguiste possuir em manuscrito, antes de mim, se me acenares com ele, conseguirás que eu calcurreie toda a Ática e, mais ainda, vá até onde resolveres arrastar-me! De qualquer maneira, já que nos encontramos neste lugar, acho bem, por mim, estender-me. Quanto a ti, escolhe a posição que tiveres por mais cómoda para procederes à leitura e, quando a tiveres encontrado, começa a ler.

*Fedro* — Já estou bem. Ora escuta!

## O DISCURSO DE LÍSIAS

«Tens conhecimento do meu propósito e já sabes o que penso sobre o interesse de ambos na realização deste desejo. Confio em que a minha pretensão não seja necessariamente mal sucedida, uma vez que não sou, de facto, teu amante. Com efeito, as pessoas a quem me refiro, os amantes, acabam por se arrepender das complacências que manifestaram, logo que hão saciado o seu desejo, enquanto que as outras, as que não amam, jamais têm motivo de que se arrepender. É de mente livre, depois de terem examinado o melhor possível a sua situação pessoal, e não sob a pressão de uma necessidade, que estes últimos fazem o bem que a paixão lhes permite. Outra coisa ainda: os que amam pensam nas tarefas que menosprezaram por causa do amor e, tendo considerado todas as ajudas que deram, podem acreditar em que souberam mostrar aos seus amados a devida gratidão. Pelo contrário, os que não amam não podem alegar esta péssima razão como causa da negligência que mostraram nos assuntos particulares, nem para justificar os esforços realizados, nem para incriminar

os seus dissentimentos com os familiares. De onde se segue que, libertos de todos estes condicionalismos, nada mais lhes resta do que a preocupação de fazer o que melhor puderem para agradar aos amantes. Outra coisa: admitamos que se torna necessário dar especial atenção aos amantes quando estes desejam mostrar quanto se encontram presos por uma amizade particularmente forte e, por palavras e actos, se sujeitam a todas as sevícias, só para se tornarem agradáveis aos olhos dos amados. É fácil saber até que ponto eles mostram ser verdadeiros, quando mais tarde se apaixonam por outro, ao qual passam a conceder maiores complacências do que ao primeiro e, todavia, a rogo do primeiro, podem proceder em desabono do outro. Todavia, que conveniência haverá na concessão de favores a um homem que sofre de tamanha desdita, desdita que ninguém deseja, sabendo de antemão que não poderá libertar-se dela? É verdade que os amantes concordam que são mais doentes de espírito do que lúcidos, e que estão cientes da falta de bom senso, da desordem do seu pensamento e da incapacidade de se dominarem. Por conseguinte, como poderão esses homens, quando conseguem harmonizar o pensamento, tomar como um bem os desejos que os possuíam no estado de delírio? Mas há ainda outras coisas mais: se desejares escolher o melhor apaixonado de entre os apaixonados, será muito pequeno o número deles para que possas escolher mas, se quiseres escolher entre todos o que melhor te convier, então terás muito por onde



escolher. De onde concluo que tens maiores possibilidades de escolher entre estes últimos justamente aquele homem que seja digno da tua amizade.

Mais ainda: suponhamos que, em face das convenções, receias que a tua conduta seja divulgada, tornando-te o alvo de críticas e intrigas. Neste caso, convém ter presente que os amantes julgam que todas as pessoas têm inveja deles, assim como eles têm inveja uns dos outros; fazem gala do bom sucesso das suas tentativas e, na mira de se tornarem admirados, fingem que não se sujeitariam a tantos sacrifícios por uma paixão insignificante! Em contrapartida, os que não amam, como são capazes de se dominar, dão a sua preferência apenas ao que tem maior valia, apesar da fama que essa preferência possa vir a granjear entre o povo. Por outro lado, considerável número de pessoas reconhece os amantes, bastando para isso reparar no modo como perseguem os amados e se esforçam por seduzi-los e, quando são vistos a conversar, pode saber-se com exactidão se já se entregaram um ao outro ou se estão prestes a satisfazer os seus desejos [1]. Da mesma maneira, aos que não se encontram possuídos pela paixão, ninguém os pode incriminar por causa das suas familiaridades, pois toda a gente sabe que é vulgar as pessoas conver-

[1] Fina observação fisionómica: pelos gestos e pelo rosto de dois enamorados, sabemos se a união já se consumou ou não. É por isso que, na educação dos adolescentes, se deve dar especial atenção ao ensinamento da arte de fingir, isto é, de manter em segredo o que só a dois diz respeito.

sarem umas com as outras, já por simples amizade, já por qualquer outro motivo. Por acaso acudiu alguma ponta de receio ao teu espírito por causa da amizade? Pensas então que a amizade acaba sempre em dissentimento e que, no caso de divórcio sobrevem sempre uma desgraça comum a ambos e que, se és tu a abandonar aquele a quem amas, toda a pena será suportada por ti? Nesse caso, fica sabendo que esse receio é muito mais justificado quando concerne a pessoas que se amam, porque em tudo vêem um motivo de lamentação e olham para os outros como se todos quisessem fazer-lhes mal. É este o motivo porque evitam que os seus amados convivam com outros, pois receiam a concorrência de alguém que seja mais rico ou mais culto do que eles, uma vez que uns podem roubar-lhes a afeição por dinheiro e outros roubar-lha por subtilezas da inteligência; e os que possuem qualquer outra regalia, desconfiam de quem lhes possa fazer concorrência no mesmo campo; por consequência, persuadindo-te a rejeitar os outros, eles conseguem roubar-te a todas as amizades, criando um vazio à tua volta! Mas, se tiveres presentes os teus interesses particulares, saberás discernir melhor do que esses de quem falei e serás tu mesmo a romper todos os laços com eles. Quem, em contrapartida, vive sem amor e deve ao mérito próprio as conquistas que tenha levado a cabo segundo o seu desejo, esse nunca sentirá inveja daqueles que mantêm relações contigo; antes odiará aqueles que se negam a tê-las, persuadido de que o fazem por desprezo por ele



mesmo, e convencido de que poderá tirar certos benefícios das tuas relações com os outros. Assim, este oferece maiores esperanças de conseguir mais amizades do que inimizades.

Além disso, entre os amantes, muitos não curam primeiro de conhecer o carácter do amado, deixando-se possuir logo de início pelo amor de concupiscência, sem atender às condições particulares; por conseguinte, não podem estar certos de que continuarão a manter esse amor depois de atingidos os fins, ou de satisfeito o desejo.

Os que não se encontram perturbados pelo amor começam por estabelecer uma mútua amizade, antes mesmo de concretizarem os seus desígnios e, deste modo, não é provável que a satisfação do desejo conduza ao abrandamento dessa amizade e que, bem pelo contrário, ela subsista como uma garantia das promessas para o futuro. Por outro lado ainda, ao cederes, deves procurar tornar-te ainda mais virtuoso do que se cedesses a um outro possuído de paixão, porque, esses que estão possuídos pela paixão, vão ao ponto de elogiar todas as palavras e todos os actos do amado, mesmo que isso vá contra a verdade das coisas, em parte porque receiam tornar-se indiferentes, em parte também porque o desejo acaba sempre por adulterar a lucidez e o juízo. São assim os efeitos manifestados pelo amor: uma pequena contrariedade que, para a maioria das pessoas, não passa de uma ninharia torna-se, aos olhos do amoroso, numa grande preocupação; um acaso feliz que nem sequer

merece nos alegremos um pouco, torna-se para o amoroso motivo de exagerados louvores. Estou convencido de que os amantes carecem mais de piedade do que de inveja [1]! Se, em contrapartida, acederes aos meus desejos, não verás em mim apenas a alegria própria da satisfação de uma intimidade, nesse preciso momento, mas também o desejo de ser-te prestável no futuro; sem que me deixe subjugar pelo amor, antes me dominando, sem me deixar levar por motivos fúteis para a inimizade, antes não me amesquinhando com passageiras crises de cólera, sendo indulgente para com as faltas involuntárias, e nunca me preocupando com as faltas voluntárias. Não achas que estes indícios apontam para uma amizade duradoira? Se na verdade pensas que, apesar de tudo, não d se pode gerar uma forte amizade sem o suporte do amor, deves nesse caso pensar que, a ser assim, nem os nossos filhos, nem os pais e as mães nos importariam para nada, nem teríamos amigos leais, uma vez que não é sobre a paixão que estas amizades assentam, mas sim em sentimentos de ordem muito diversa.

Outra coisa: se devemos conceder os nossos favores exactamente àqueles que mais insistentemente os solicitam, nesse caso devemos mostrar-nos

[1] Neste ponto, Lísias concorda com Sócrates, para quem o amor é um desejo de alguma coisa, nascido da carência dessa coisa. Como toda a carência é um defeito e, o defeito, semelhante a doença, o amor é uma doença e, por isso, o amante mais necessita de piedade do que de inveja.

# amor é doença !!



mais generosos com os ricos do que com os pobres, uma vez que aqueles, desembaraçados das penas, mostrar-se-ão mais gratos para connosco! Mais ainda: e na mesma ordem de ideias, para os festins privados, não se deveriam convidar os amigos que o merecem, mas sim os mendigos e os que desejam matar a fome. Não são eles uma gente sempre pronta a demonstrar a sua ternura, a acompanhar o anfitrião em cortejo, a juntar-se à porta de sua casa, a mostrar um alegria sem limites, a perseverar na mais viva gratidão, a fazer votos de felicidade e abundância? Todavia, não!

O mais legítimo não reside em conceder favores a quem veementemente os pede, mas sim a quem é capaz de proceder com maior gratidão; também não está em concedê-los aos que se contentam com a paixão, mas sim aos que os merecem; também não são 234 aqueles que se deixam possuir pela concupiscência em face da tua juventude, mas aqueles que, quando já tiveres envelhecido, repartirem contigo os seus bens; também não aos que, uma vez o objectivo conseguido, procurem espalhar a sua vitória aos quatro ventos, mas sim aos que souberem calar-se e manter o segredo; também não àqueles cujo zelo é de curta duração, mas sim àqueles cuja amizade se conservará a para sempre, até à morte; também não aos que, uma vez a paixão desaparecida, procuram motivos para odiar; mas sim aos que, uma vez a flor da tua juventude esmaecida, escolherão esse momento para b demonstrar a sua amizade.

Conserva na memória todas estas palavras, e reflecte no significado desta regra: os amantes são constantemente criticados pelos seus amigos, que vêem na paixão um mal, enquanto os que não se apaixonam jamais são reprovados pelos seus familiares, por se conduzirem defeituosamente nos assuntos particulares.

Provavelmente vais interrogar-me sobre se podes conceder indistintamente os teus favores a todos os que não se encontram apaixonados. Pessoalmente, sou de opinião que um homem que ame não te aconselhará a proceder dessa forma porque, bem vistas as coisas, isso não mereceria uma gratidão igual e, como tu pretendes que ninguém saiba de nada sobre as tuas relações, tal não seria obviamente possível. É necessário que dessas ligações não venha qualquer prejuízo, mas que, pelo contrário, resulte alguma utilidade para ambos. Por mim, acho que basta já o que disse; se te parece haver ainda alguma coisa que porventura tenha omitido, pergunta.»

Que tal te parece este discurso, Sócrates? Não é de uma eloquência maravilhosa, muito especialmente pelo vocabulário?

*Sócrates* — Podemos até dizer mais, meu caro: esse discurso é de tal maneira magnífico, que me deixou deveras perturbado! E esta perturbação fico a devê-la a ti, Fedro: enquanto procedias à leitura, não deixei de te observar e verifiquei que o teu rosto se iluminava com essa leitura e eu, convencido de que



nesse género de coisas tu és melhor do que eu, deixei-me embalar nessa espécie de delírio. Sim, contigo, divina cabeça!

*Fedro* — Vamos, achas que há motivo para troçares dessa maneira?

*Sócrates* — Achas que estou a troçar? Que não falo a sério?

*Fedro* — Não, Sócrates, mas diz-me a verdade verdadeira, em nome de Zeus, padroeiro da Amizade, peço-te: achas que haverá na Grécia outro homem capaz de escrever sobre o mesmo assunto um discurso com a mesma elevação e conteúdo deste?

# CRÍTICA DO DISCURSO DE LÍSIAS

*Sócrates* — O quê, achas necessário que ambos elogiemos o discurso, aquilo que o autor disse e não disse? Que, além disso, o seu estilo é claro e preciso, e que cada palavra se encontra no justo lugar?

Se efectivamente devemos proceder dessa forma, assim procederei, mas apenas por consideração para contigo, porque a mim nem sequer me ocorreu tal necessidade, em virtude da minha ignorância! De facto, 235 limitei-me a prestar atenção às qualidades retóricas do discurso e, quanto ao resto, creio que nem o próprio Lísias se poderá dar por satisfeito. Isto significa, meu caro Fedro, que a minha opinião, salvo parecer em contrário, é a de que ele repete duas e três vezes as mesmas coisas, assim como se não tivesse mais nada para dizer, ou como se o tema não tivesse especial interesse. Pareceu-me que se comportou como um jovem vaidoso que se compraz em fazer gala do talento que possui, dizendo as mesmas coisas, ora de um modo, ora de outro, sempre com a mesma perfeição, apesar da diversidade do modo.

*Fedro* — O que acabas de dizer nada significa, caro Sócrates! Efectivamente, a justa virtude, a virtude mestra do discurso, consiste em que ele não deixou de referir nenhum dos aspectos que o sujeito implica. Por isso me parece que ninguém poderia escrever outro, fosse de nível semelhante, fosse de nível superior.

*Sócrates* — Eis aí um ponto em que não posso dar-te o meu acordo, pois deves saber que na Antiguidade houve muitos sábios, tanto homens como mulheres, que estudaram tais assuntos, já por escrito, já por tradição, e estes mesmos se encarregariam de me desmentir, caso eu concordasse com a tua afirmação!

*Fedro* — Diz-me quem são esses antigos, onde ouviste já um estilo superior a este que há pouco ouvimos?

*Sócrates* — Neste momento não estou em posição de os citar, mas uma coisa é certa: a quem ouvi já coisa semelhante? Talvez à bela Safo [1] — talvez ao sábio Anacreonte [2] — talvez mesmo a qualquer outro escritor? Sabes o que me leva a pensar nisto? Uma misteriosa plenitude de espírito concede-me, divino Fedro, a faculdade de sustentar o que antes

[1] Safo, poetisa, pelos Antigos tida, muitas vezes, como a décima Musa.

[2] Anacreonte, célebre poeta, autor das *Odes* adjectivadas com o seu nome. [Foram divulgadas em Portugal no tempo do academismo romântico, por António Feliciano de Castilho, embora já muito antes fossem conhecidas].



afirmei, por palavras diferentes, mas não inferiores a essas que ouvimos! Sei que tais ideias não poderiam ser inventadas por mim mesmo, pois estou profundamente convicto da minha falta de competência para meter a mão nesses assuntos e, por isso, julgo que foi noutras fontes que, ouvindo, me deixei encher pelos seus pensamentos, como um vaso! Todavia, uma inveterada preguiça mental não me deixa lembrar dessas fontes, nem das condições em que ouvi, nem das pessoas a quem as ouvi.

*Fedro* — Oh, homem generoso entre os homens! Não tens qualquer obrigação de referir esses factos, mesmo que fosse eu a pedir-te para o fazeres, mas lembra-te de que te comprometeste a fazer uma coisa semelhante à que este manuscrito contém, mas de maneira diferente, sem necessidade de te inspirares, conseguindo fazer melhor e sem tanta verbosidade! Se fores capaz de o fazer, juro, tal como os nove Arcontes [1] juraram, mandar erigir duas estátuas em oiro, em Delfos, representando-nos a ambos, em tamanho natural!

*Sócrates* — Como és simpático, Fedro! Como a tua natureza é de ouro puro, ao admitires, em face dos meus argumentos, que Lísias errou o seu discurso de ponta a ponta, e que é possível fazer melhor e de

[1] Arcontes, magistrados gregos que, na ocasião da tomada de posse, faziam o juramento de erigir a sua estátua em ouro, em tamanho natural, caso viessem a cometer delito contra as leis que prometiam defender. Este juramento é nitidamente religioso.

modo diferente do dele! Aí está uma coisa que não aconteceria, nem sequer ao escritor mais medíocre! Mas exemplifiquemos: ao defender que se devem conceder favores a quem não ama e nunca a quem ama, e ao impedir que se louve a prudência de um e
236 se condene a imprudência do outro — questões que em todo o caso se põem — que mais haverá depois para dizer? Por mim, acho que esses temas se devem deixar aos caprichos do orador, a quem se devem permitir, e que em qualquer caso semelhante a este não é o poder criador, mas sim o estilo, que deve elogiar-se. Já o mesmo não sucede com outras coisas menos importantes e cuja necessidade de criação é maior e mais difícil do que o estilo, nas quais se deverá elogiar o poder de invenção.

*Fedro* — Aceito as tuas asserções, pois me parecem sensatas, mas olha para o que vou dizer agora: o
b homem apaixonado é mais doente do que o não-apaixonado — esta é a tese que proponho para ponto de partida. Quanto ao resto, como sejam a diferença de estilo, ou a riqueza maior ou menor do teu discurso, se comparada com a de Lísias, isso é que desejo ver se és capaz de conseguir. O prometido é devido: erigirei a tua estátua em Olímpia, lado a lado com as oferendas dos Cipsélidas [1]!

*Sócrates* — Não me digas, caro Fedro, que ficaste aborrecido com as minhas chalaças ao homem que

[1] Descendentes de Cípselo, tirano de Corinto, que regularmente enviava ofertas para o templo de Zeus, em Olímpia.



amas? Achas, nesse caso, que me atreverei a competir com um talento como o dele, repetindo a mesma coisa com um acréscimo de verbosidade?

*Fedro* — Estás agora na posição em que eu me encontrava há pouco, por isso não tens outra solução que não seja a de discursar, e de conseguires fazê-lo o melhor que puderes. Tomemos os devidos cuidados c para não procedermos como os autores de comédias, que inventam personagens que passam a retrucar umas às outras com as mesmas palavras; por isso avia-te, peço-te, não me obrigues a repetir certas palavras que tu bem conheces: «Ó Sócrates, se eu não conhecesse Sócrates, isso seria porque, então, nem sequer me conheceria a mim próprio», e mais ainda: «fingia não estar interessado em falar, como se não fosse esse o seu desejo» [1]. Desde já fica assente que não sairemos daqui sem que antes não tenhas dito tudo o que te vai na alma! Olha; estamos sós, neste lugar solitá- d rio, e ainda por cima o mais forte e mais jovem sou eu. Portanto, e para concluir, «a bom entendedor meia palavra basta!» Procura falar voluntariamente, se não queres acabar por falar à força!

*Sócrates* — Mas, venturoso Fedro, vou tornar-me ridículo uma vez que, ignorante como sou, não poderei competir, de improviso, com um autor de tanto nível!

[1] Fedro faz suas as palavras de Sócrates que, momentos antes, ironizara com ele, Fedro, da mesma forma.

*Fedro* — Queres saber uma coisa? Acaba com esses subterfúgios, pois fica sabendo que conheço um processo infalível para te obrigar a discursar...

*Sócrates* — É escusado dizeres qual é!

*Fedro* — Enganas-te. Digo, e digo já! É uma jura: «Juro...» Mas sobre que divindade jurar? Olha, juro pelo plátano! «Sim, juro, perante esta árvore que, se não pronunciares o teu discurso, jamais voltarei a mostrar-te ou a repetir-te qualquer outro discurso de que tenha conhecimento!»

*Sócrates* — És uma peste! A astúcia com que encontraste o segredo para obrigar um homem, que tem a paixão dos discursos, a dar cumprimento às tuas exigências!

*Fedro* — Tens, portanto, alguma coisa a acrescentar?

*Sócrates* — Não, está dito! Depois do juramento que pronunciaste seria lá capaz de me sujeitar a ser privado de tamanhas alegrias?

237 *Fedro* — Nesse caso fala.

*Sócrates* — Espera, sabes o que vou fazer?

*Fedro* — Diz...

*Sócrates* — Vou cobrir a cabeça para falar, pois quero terminar o discurso o mais depressa possível, e também evitar que, ao sentir-me observado por ti, perca a coragem de o fazer...

*Fedro* — Procede como entenderes, uma vez que pronuncies o discurso...

## PRIMEIRO DISCURSO DE SÓCRATES

*Sócrates* — Invoco-vos, Musas de canto cristalino, quer este epíteto vos venha da suavidade do vosso canto, quer da vocação musical do povo lígio [1]! Oferecei-me o apoio da vossa mão no discurso que este cavalheiro me obriga a pronunciar, para que o homem, cujo talento ele tanto admira, se torne ainda mais admirado! 237b

«Era uma vez um jovem, talvez um adolescente, dotado de grande beleza, que possuía um grande número de apaixonados e, entre estes, um havia que era um espertalhão. Ainda que tivesse pelo jovem um amor tão grande como os outros, fez crer ao adolescente que na verdade não se encontrava apaixonado. Até que, um dia em que lhe solicitou certos favores, tentou mostrar-lhe que um homem não apaixonado

[1] Lígios, ou Lígures, povo originário da Ligúria, ao norte de Itália. Em grego, o substantivo *lígio* significa também voz *agradável, canto sonoro*. Platão usa o efeito estilístico, combinando λίγειαι, e λιγύων.

merece mais favores do que um homem apaixonado. Nessa altura, disse-lhe mais ou menos o seguinte:

«Seja qual for a questão sobre a qual tenhamos c de deliberar, torna-se necessário conhecer aquilo sobre que vai deliberar-se, meu rapaz, pois de outro modo, forçosamente nos enganaremos. Ora, uma das coisas que escapa à maioria dos homens é a coisa na sua essência e, como julgam conhecê-la, jamais chegam a encontrar um ponto de acordo para iniciarem uma pesquisa qualquer e, à medida que avançam nessa pesquisa, colhem o devido castigo, pois nem chegam a concordar com eles mesmos, nem com as outras pessoas. Por este motivo, façamos votos para que nem tu, nem eu, venhamos a incorrer no defeito que ora apontamos aos outros; mas, bem pelo contrário (e uma vez que ambos nos encontramos em face do problema de saber se é melhor conceder a amizade a um homem apaixonado ou a um não apaixonado, e o problema que nesse caso se põe é o Amor, da sua d essência e da sua existência), procuremos uma definição de comum acordo, tentando tê-la sempre em mente, enquanto discutimos se o Amor traz vantagens ou desvantagens [1].

«E, dito isto, parece ser de aceitar, como acontece com toda a gente, que o Amor é um desejo e

[1] Sócrates insiste em que uma discussão só é possível desde que os interlocutores partam de um conceito como é comummente aceite. Não sendo assim, a possibilidade de equívoco e de falácia ameça a discussão a todo o momento.



que, por outro lado, mesmo as pessoas que não amam desejam sempre o belo. Como poderemos, nesse caso, distinguir entre as pessoas que amam e as que não amam? Além disto, devemos reflectir no seguinte: em cada um de nós existem dois princípios, e de forma e de conduta, que seguimos para onde eles nos conduzem: um, inato, é o desejo do prazer, outro, adquirido, que aspira sempre ao melhor. Por vezes, estas duas tendências concordam em nós uma com a outra, mas, em certas ocasiões, verificamos que entram em guerra e que uma vez sai vencedora a primeira, outra vez a segunda. Posto isto, assentemos em que, quando sai vencedora a forma orientada pela razão, essa forma chama-se *temperança;* quando é o 238 desejo que, destituído de razão, nos arrasta para os prazeres e nos conduz a seu belo talante, essa forma chama-se *gula.* A gula apresenta-se sob múltiplas denominações e múltiplos são, com efeito, as suas formas e os seus efeitos. Entre esta multiplicidade de a formas, aquela a que antes nos referimos serve para designar o homem que se deixa possuir por ela, mas essa designação nem é boa nem honrosa para aquele a quem se atribui. Não é ao desejo de comer bem, e que deseja sempre o melhor, que se chama glutonaria? A glutonaria serve precisamente para denominar b de glutão o que possui esse desejo, e quando é o desejo de beber em excesso que domina, a esse desejo tirânico referimos o nome que serve de epíteto ao que se deixa dominar por essa tirania, e assim sucessivamente para todos os casos. Torna-se por isso evi-

dente qual o nome com que se pode designar o desejo a que foi dedicada a explanação acima, mesmo que não tenha sido explicitamente referido. Todavia, importa que me expresse sem ambiguidade, fale claramente! O desejo que, desprovido de razão, atrofia a alma e esmaga o prazer do bem, e se dirige exclusivamente para os desejos próprios da sua natureza, cujo único objectivo é a beleza corporal, quando se lança impudicamente sobre ela, comporta-se de tal maneira que se torna irresistível, e é dessa irresistibilidade, dessa força destemperada, que ele recebe a denominação de *Eros, ou* de Amor... [1]».

— Ah, meu caro Fedro, não te parece que estou discursando sob os efeitos de uma divinal inspiração?

*Fedro* — Também me quer parecer isso mesmo, Sócrates. Efectivamente, não estamos habituados a ver-te arrebatado dessa maneira pelo fluxo da eloquência!

*Sócrates* — Nesse caso, ouve-me em silêncio. Como este recanto parece ter algo de divino, se, no decorrer do meu discurso, me tornar possesso das Ninfas, não estranhes, tanto mais que as palavras que estou proferindo parecem autênticos ditirambos!

*Fedro* — Exacto, é tal como dizes!

*Sócrates* — Sabes muito bem que a culpa é tua! Agora, escuta o resto. Pode acontecer que a inspiração divina se esgote, mas isso fica ao arbítrio dos deuses. Voltemos então ao discurso que estava sendo dirigido ao jovem:

[1] Platão, grande amigo de etimologias, abusa por vezes dessa amizade, caindo em etimologias falsas. Neste caso, relaciona Eros (ἔρως) com Força ἐρρωμένως.



«Portanto, meu caro, qual seja precisamente o objecto sobre que temos de deliberar, já o dissemos e já o definimos. Com os olhos nesses princípios, resta-nos por conseguinte indagar das vantagens e inconvenientes decorrentes do facto de se concederem favores a quem ama e a quem não ama. Obviamente, quando somos conduzidos pelo desejo, quando nos tornamos escravos da volúpia, parece que forçosamente procuraremos conseguir do amado o máximo de prazer. Ora, uma inclinação perversa gosta de tudo o que não se lhe opõe, mas detesta tudo o que lhe é superior ou igual. Por isso, o apaixonado não suportará de bom grado qualquer indício de superioridade ou de igualdade no seu amado, e tudo fará para que este se torne inferior e menos perfeito. Todavia, o ignorante é inferior ao sábio, o cobarde ao corajoso, o homem que tem dificuldade em falar ao retórico, o que possui uma inteligência lenta ao que a possui viva e pronta. Quando o espírito do amado adquire semelhantes defeitos e outros do mesmo quilate, ou estes lhe são congénitos, necessariamente o amante se alegrará e tentará fazer com que outros sejam suscitados, pois, de contrário, corre o perigo de perder a volúpia do momento. Por este motivo forçosamente terá ciúmes do amado, e lhe impedirá a convivência que poderia fazer dele um homem de bem,

causando-lhe enormes prejuízos, entre eles o da privação do aperfeiçoamento da inteligência e da elevação do pensamento. Este é precisamente o problema da divina filosofia: um apaixonado procura afastar dela os seus amores, em virtude do terror que lhe inspira a possibilidade de se tornar motivo de troça! Não importam os estratagemas de que possa servir-se para manter o seu amado na ignorância, tendo sempre os olhos postos no apaixonado. Uma vez conseguida esta situação, conseguirá encantar aquele, mas terá c causado a si próprio os males maiores! Portanto, do ponto de vista da inteligência, o amante apaixonado não é bom, nem para mestre, nem para companheiro.

«Passemos agora ao corpo, à sua compleição, aos cuidados que nos merece. Que espécie de compleição é essa? Que cuidados terá ele com o corpo daquele de quem é senhor, e no qual procura somente o prazer? Eis o que, depois do que dissemos, importa considerar.

«Veremos um apaixonado perseguir os efeminados e não os fortes, os que tenham sido criados numa penumbra doentia, não quem tenha crescido à luz do sol; a quem esteja familiarizado com os maneirismos de uma conduta sem virilidade, não a quem sejam familiares as fadigas viris e os suores do esforço sadio; d a quem procura substituir as qualidades que lhe falecem por vestimentas garridas e estranhas que são, afinal, a sua única preocupação. São de tal modo evidentes estas coisas, que não vale a pena gastar mais



tempo com elas e, por isso, definido o mais importante, passemos a outro aspecto da questão: um corpo desta espécie inspira, já na guerra, já noutra missão qualquer, a audácia dos adversários, ao passo que, perante ele, estremecem todos os apaixonados! Mas este é um aspecto que, por tão evidente, cumpre esquecer para falarmos do que se lhe segue: que van- e tagem ou que inconveniente derivam da convivência com o amante e do acolhimento à sua tutela? A resposta é evidente para todos e muito mais ainda para o amante: o seu desejo maior é de que o amado seja privado dos bens mais dignos de ambição, dos bens divinos; pai, mãe, familiares, amigos, de tudo isso ele 240 gostaria de vê-lo privado. Tantos intrusos, pensará, a tantos censores das relações que ele mantém comigo! E não é tudo: o apaixonado pensará sempre que um amado que possui bens próprios, que tem fortuna, seja ela de que espécie for, não é uma presa fácil e que, se vier a ser conquistado, não será fácil de manter prisioneiro. Segue-se necessariamente que um apaixonado sente ciúmes dos bens que possam ter os seus amados e que, em contrapartida, sente uma enorme satisfação com as suas penas e misérias! Mas há ainda mais: o apaixonado não admite que o amado possa contrair matrimónio ou constituir família e ter filhos, ou possuir um lar, e isto durante o tempo que for possível, porque na sua condição de apaixonado, o seu maior desejo é o de conseguir usufruir, durante muito tempo, da egoísta volúpia daquele doce fruto.

b «Há muitos outros males, e à maior parte deles parece que um deus misturou certo prazer momentâneo. Assim, o lisonjeiro é um verdadeiro monstro, deveras prejudicial, embora a natureza lhe tenha concedido também um certo grau de prazer que não deixa de ter o seu atractivo. Podemos também tomar uma prostituta como coisa nociva, e isto sem falar já de imensas outras criaturas e práticas análogas, que têm a propriedade de constituir, ainda que seja apenas uma vez, deleitosos prazeres. O mesmo não poderemos dizer do apaixonado, relativamente aos seus amores, pois o apaixonado, além de ser prejudicial, mantém uma assiduidade que o torna francamente maçador. Conforme reza o antigo provérbio, c cada um gosta de conviver com os da sua idade; com efeito, a mesma idade conduz aos mesmos prazeres, e esta similitude dá origem à amizade, embora tal motivo não impeça que, mesmo nestes casos, o desejo exagerado leve à saciedade. É igualmente verdade que a coacção sempre foi olhada como coisa desagradável por toda a gente, e mais desagradável se torna, quando a idade constitui motivo para que o amante sinta o afastamento daquele a quem ama, pois, nas suas relações com um amado mais jovem, o homem mais idoso não aceita facilmente o ser esquecido, nem um só momento, quer de dia, quer de d noite. Em casos como este, o amante é permanentemente aguilhoado pelo desejo, e apenas tem em mente a fonte perpétua de prazer que ambicionava ver, ouvir, tocar, sentir de todas as maneiras, tal sendo



o gozo que o amante sente em relação ao amado. Quanto a este, que prazer e que alegrias lhe serão dadas, para que a permanência junto do amante não acabe por fatigá-lo? Sim, quando a visão que se lhe oferece é a de um homem já carcomido, muito longe da primavera da idade, com todas as demais consequências que isso acarreta que, só de falar nelas, sen- e timos uma enorme repugnância? Sim, quando se encontra permanentemente sujeito às críticas das pessoas e às intrigas peçonhentas? Como aceitará viver, ouvindo ofensas que ultrapassam toda a sobriedade e limites da decência, além de contínuas reprovações, as quais, quando provêm de um estado de embriaguez, além de serem intoleráveis, são também ultrajantes, pois delas abusa um homem desse quilate?

«Pois bem, o apaixonado é prejudicial e desagradável mas, quando se cansa de amar, revela-se um homem indigno de confiança: aquele tempo em que multiplicava os juramentos, graças aos quais conseguia satisfazer os seus intentos, aparece-lhe agora como um grande fardo que teve de suportar. Eis 241 então chegado o momento de retribuir essa dívida! Todavia, no seu íntimo, algo se transformou: a razão e o senso substituíram o amor e a loucura. Transformou-se noutro homem e o amado nem sequer deu conta dessa metamorfose!

«Reclama, por isso, o cumprimento das promessas, evoca a suave recordação do que ambos faziam, como se as suas palavras se dirigissem ainda ao mesmo homem! Mas, em face disto, o amante sentirá

vergonha de confessar que se modificou, e faltar-lhe-á a coragem para dar cumprimento às promessas e juras feitas sob a tensão de um estado emocional; não b confessará que, finalmente, adquiriu razão e senso, e que pretende evitar a queda outra vez, para evitar toda a semelhança com o homem de outrora. Por consequência, tornar-se-á esquivo, tudo fará para ser desagradável, depois que o caco caiu sobre a outra face [1]. Por sua vez, o amado encontra-se na situação de perseguidor, não sem sentir-se terrivelmente indignado, o que o leva a vociferar e a praguejar. Com efeito, desde sempre ele desconhecera esta verdade: jamais deveria ter sido complacente para um homem c apaixonado e que, por isso, estava fora de si, embora o devesse ter sido para com um homem isento de paixão que, por conseguinte, procederia sensatamente; procedendo daquela maneira, forçosamente acabaria por se render a um homem indigno de confiança, de humor irascível, ciumento, aborrecido, tão prejudicial para a sua fortuna como para a sua compleição corporal, como enfim e sobretudo, para a sua educação espiritual, a virtude mais digna, tanto em face dos homens como em face dos deuses, pois nada tem igual valor, seja em que tempo for!

«Eis, meu caro, o que se torna necessário ter presente: saber que as boas intenções de um apaixonado

[1] Jogo do caco: consistia em lançar um caco ao ar e, consoante o caco caísse, dois grupos em disputa procediam a certos rituais.



não têm por base a amizade, mas que, tal como o apetite de comer, nascem da necessidade de o satisfazer. A ternura de um lobo por um cordeiro, eis a *imagem exacta do amor que os apaixonados sentem pelo jovem amado.*» d

— Caro Fedro, julgo que é tudo o que havia para dizer. Não ouvirás nem mais uma palavra da minha boca e, por isso, sê tu próprio a dar o discurso por encerrado...

*Fedro* — Impossível! Pois eu estava convencido de que apenas tinhas pronunciado a primeira metade, e que irias agora completar o discurso com a segunda parte, falando sobre os não apaixonados, sobre a conveniência de lhes serem concedidos favores e sobre todos os benefícios que daí se podem colher... E agora vens tu, caro Sócrates, dizer-me que terminaste. Porquê?

*Sócrates* — Não te apercebeste, bem-aventurado e amigo, que o tom da minha voz estava a tornar-se épico, que já ultrapassara a forma ditirâmbica, que estou a censurar? E, ainda que tivesse de fazer o elogio do outro, que julgas deveria eu fazer? Não vês que poderia ser arrebatado pela inspiração das Musas, às quais manhosamente me entregaste? Por isso, digo em breves palavras: tudo aquilo que repreendemos num caso deve ser tomado como virtude no outro. Para que alongar então o discurso, uma vez que tudo o que havia a dizer está dito? Qualquer que venha a 242 ser a sorte do meu discurso, essa sorte será justa, e agora, antes que me obrigues a mais uma violência,

ainda pior que a anterior, vou atravessar o ribeiro e pôr-me a salvo dos teus desígnios!

*Fedro* — Aguarda um momento, caro Sócrates, que abrande este calor sufocante! Não vês que é quase meio-dia, a hora em que o sol bate a pino? Esperemos um pouco mais, e entretenhamo-nos a discutir o assunto que nos prendia e, logo que a tarde refresque, partiremos.

*Sócrates* — És verdadeiramente divino, caro Fedro, com os teus discursos! És verdadeiramente admirável! Com efeito, durante a tua vida têm-se pronunciado muitos discursos, mas ninguém conseguiu produzir maior quantidade do que tu, quer os tenhas pronunciado, quer tenhas induzido outros a efectuá-los. Com excepção de Símias de Tebas [1], levas a palma a todos os demais, e estou certo de que agora mesmo acabaste de tomar a iniciativa de mais um discurso que serei eu, ainda por cima, a recitar!

*Fedro* — Isso que estás a dizer não me aborrece muito, mas já agora diz-me porquê e que discurso vai ser esse!

*Sócrates* — Caro amigo, precisamente no momento em que me preparava para atravessar esta ribeira, aquele sinal divino, aquele sinal cujas manifestações são habituais em mim, despertou! Ele desperta sempre para impedir-me de fazer o que desejo, e nesse momento creio ter ouvido uma voz que vinha dele e me impedia de continuar a andar sem que tivesse cumprido uma penitência, talvez motivada por qualquer pecado cometido contra os deuses. Isto constitui uma prova evidente de que sou um adivinho, embora não muito hábil, pois sou como os que não sabem ler nem escrever, e só faço adivinhações para mim próprio [1]. Mas agora vejo claramente que pequei. A alma tem, camarada, um poder incontestável de adivinhação. Enquanto pronunciava o discurso havia qualquer coisa que me perturbava. Perdera a continência por medo de que, empregando as palavras de Íbico, «*tendo falhado aos olhos dos deuses, não fosse, em compensação, honrado perante os homens*». *Mas agora dei-me claramente conta do meu pecado*!...

*Fedro* — Que pecado é esse a que te referes?

*Sócrates* — Horroroso, Fedro, perfeitamente horroroso, é o discurso que trouxeste e horroroso também o que me obrigaste a pronunciar!

*Fedro* — Como podes dizer uma coisa dessas?

*Sócrates* — Uma refinada tolice e, em certa medida, um verdadeiro pecado! Nestas condições, poderá existir discurso mais horrível?

*Fedro* — Se é verdade o que dizes, também me parece impossível!

[1] Símias de Tebas, companheiro de Platão durante o magistério socrático, e uma das personagens do diálogo *Fédon*. Existe tradução portuguesa deste diálogo, devida ao P. Dias Palmeira (várias edições).



[1] Sócrates alude, evidentemente, ao seu *demónio*, entidade demiúrgica, que nele inspirava o saber.

*Sócrates* — Como, então já não pensas que o Amor é filho de Afrodite e, por conseguinte, um deus?

*Fedro* — Pelo menos é isso que diz a tradição...

*Sócrates* — Mas não é isso que diz o discurso de Lísias, nem tão pouco aquele que, enfeitiçado pelas tuas artimanhas, há pouco pronunciei! Se o Amor é, como de facto é, um deus, não pode ser origem de coisas más. No entanto, como em ambos os discursos que lhe foram dedicados, assim foi afirmado, ambos pecaram, portanto, contra Eros! Além disso, ambos os discursos são de uma risibilidade total, porque nada tendo dito de verdadeiro, se apresentam impantes de vaidade, pois conseguiram iludir os ingénuos e conseguir boa reputação junto deles! Em face de tais acontecimentos, tenho absoluta necessidade de me purificar! Ora existe, para os que cometem erros em matéria de mitologia, um antigo rito purificatório, que nem sequer Homero conhecia, mas que era perfeitamente familiar a Estesícoro [1] que, privado embora da luz dos olhos por ter ofendido Helena, não compartilhava, no entanto, da ignorância de Homero. Como era culto, compreendeu a causa da sua cegueira e por isso se apressou a escrever estes versos:

«*Não é verdadeiro o teu discurso*!

[1] Poeta lírico do séc. VI a. C., possível criador do género poético designado por «*encomium*».



— *Não, tu jamais entraste na ponte de um barco, não, jamais entraste no castelo de Tróia*!»

Depois de ter completado a *Palinódia* [1], foi-lhe restituído o dom da vista. Todavia, mostrarei maior habilidade do que eles neste assunto. Antes que me aconteça ser vítima dos castigos derivados da ofensa que cometi contra Eros, tentarei fazer a minha própria «palinódia», mas agora de cabeça descoberta, e não encapuçada, como fiz há pouco, por sentir vergonha!

*Fedro* — Ah, Sócrates, não poderias dizer nada que me agradasse tanto!

*Sócrates* — Isso demonstra, caro Fedro, que fazes uma ideia clara da impudícia dos dois discursos pronunciados, tanto do que eu pronunciei, como do que trazias no manuscrito. Imaginemos que um homem honesto, um homem de carácter nobre e digno de confiança, que ame ou haja amado outrora um jovem, nos ouvia quando falámos daqueles apaixonados que, em virtude de ninharias, criam inimizade aos que são objecto do seu amor, e se conduzem como ciumentos, tornando-se prejudiciais! Esse homem não deixaria de pensar que estava ouvindo pessoas educadas entre rudes marinheiros, e que jamais haviam conhecido as delícias de um amor ver-

[1] Palinódia significa, à letra, «canto diferente, em outro tom». Também tem o significado de «retractação» — que parece ser o conceito que, do texto, se infere.

dadeiramente nobre! Não achas que um homem d como esse nunca poderia concordar com as censuras que dirigimos a Eros?

*Fedro* — Por Zeus, parece-me que não concordaria, Sócrates!

*Sócrates* — Pois bem, eu sentiria uma vergonha enorme em face de tal homem, e sinto receio do próprio Amor. Por isso, desejo fazer um discurso cuja água cristalina purifique os ouvidos cheios da insalubridade dos discursos proferidos! Mas aconselho que Lísias escreva também o mais depressa possível um discurso demonstrando que, em igualdade de circunstâncias, se devem conceder favores aos apaixonados de preferência aos que não se encontram apaixonados.

*Fedro* — Podes estar certo disso. A partir do momento em que hajas pronunciado o elogio do apaixonado, impõe-se que eu mesmo obrigue Lísias a e escrever o seu próprio discurso sobre o mesmo tema.

*Sócrates* — Confio na tua palavra! Assim continues sendo como tens sido até aqui!

*Fedro* — Nesse caso, começa, pois podes confiar em mim!

*Sócrates* — Onde está esse jovem a quem me dirigia? É preciso que ele esteja aqui, para que ouça! Se não ouvisse, poderia vir a prestar favores a quem não ama, sem considerar primeiramente tal coisa...

*Fedro* — Esse jovem está junto de ti e estará enquanto o desejares!

## SEGUNDO DISCURSO DE SÓCRATES

*Sócrates* — Em primeiro lugar, meu caro rapaz, faz de conta que o discurso precedente foi pronunciado por Fedro, filho de Pítocles, natural de Mirrinú- 244 sio, enquanto que o que vou agora pronunciar será dito por Estesícoro, filho de Eufemo, e natural de Himereia.

O seu discurso deve ser do seguinte teor:

«*Não pode ser verdadeiro um discurso que,* tendo admitido a existência de um apaixonado, postule que devem conceder-se favores ao não apaixonado de preferência ao apaixonado, invocando como justificação o facto de o primeiro agir sensatamente e o segundo se encontrar possesso do delírio e da loucura! Seria verdadeiro se a loucura fosse apenas um mal, mas acontece que muitos dos nossos bens nascem da loucura inspirada pelos deuses. Efectivamente, é em estado de delírio que as profetisas de Delfos e as sacerdotisas de Dódona, prestam grandes serviços à b Grécia, já na ordem privada, já na ordem pública, pois, quando se encontram no seu perfeito juízo, as suas possibilidades ficam reduzidas a pouco ou a

nada. Depois delas podemos falar da Sibila? Podemos falar de todos os que, utilizando o poder divinatório que um deus lhes inspira, ditaram a muita gente e em muitas ocasiões o recto caminho a seguir? Fazer isso seria perder tempo com o que é evidente para todos nós!

Mas também esse facto merece ser aqui testemunhado, pois constitui uma prova de que na Antiguidade os homens, ao instituírem os nomes, não consideravam o delírio, ou mania [1], uma coisa vergonhosa, nem motivo de opróbio. De outro modo, se assim não acontecesse, não teriam dado à arte de adivinhar o futuro, a mais bela das artes, o nome de *maniké* [2], a arte delirante! Foi justamente por considerarem o delírio como uma virtude bela, uma vez que provém de uma graça divina, que lhe deram esta denominação. Em contrapartida os modernos, destituídos do sentido do belo, introduziram naquela palavra um *t* e passaram a designá-la por *mantiké,* [3], ou arte divinatória. De maneira diferente procedem as pessoas que se dedicam a prognosticar por meio da observação do voo das aves e de outros sinais; com efeito, esta arte procura dar ao pensa-

[1] Μανία, loucura no sentido de anormalidade, doença psíquica.

[2] Μανιχη, adjectivo significando louca. Platão utiliza a palavra, fazendo um trocadilho com Μαντιχη. A simples introdução de um *t* transforma o adjectivo *louca* em *clarividente.*

[3] Ver a nota anterior.



mento humano (*oïêses*) [1], a inteligência (*noûs*) [2] e o conhecimento *(história)* [3] e por isso se denomina de *oïo-no-istikê* [4]. Actualmente, chama-se a esta arte *oïô-nistikê* [5], *ou* a arte das aves, arte dos augures, utilizando um *o* longo para tornar a palavra mais enfática. Por este motivo, a arte da profecia suplanta, já em perfeição, já em dignidade, a arte dos augures, tanto na denominação como nas funções, e assim, tal como os Antigos no-lo testemunham, a loucura inspirada pelos deuses é, por sua beleza, superior à sabedoria de que os homens são os autores!

Mas não ficamos por aqui: enquanto essas doenças, esses flagelos terríveis que, em consequência de antigos ressentimentos, vindos não sabemos de onde, ainda existem em certos indivíduos de uma raça, o delírio profético manifestou-se em alguns predestinados e encontrou o meio de afastar esses males, precisamente pelo recurso às preces dirigidas aos deuses e pela prática de cerimónias em seu louvor. Graças ao delírio, surgiram os ritos catárticos e iniciáticos,

[1] O pensamento propriamente dito, οἰήσες.

[2] A inteligência própriamente dita, νοῦς.

[3] Ιστορια, o conhecimento adquirido, a informação. Relação entre a inteligência e os objectos.

[4] O *o* desta palavra é curto. A palavra significa literalmente: a previsão.

[5] O *o* desta palavra é longo. Por virtude desse fenómeno fonético, a palavra, que dantes significava «previsão», passa a significar «poder de adivinhar», mediante a análise do voo das aves. Platão, um pouco desinteressado das reais genealogias etimológicas, explica como é que a primeira palavra deu a segunda.

pondo o que neles participa ao abrigo dos males, tanto do presente como do futuro, e fazendo com que os homens, animados de espírito profético, encontrem o meio de proteger-se contra aqueles males. Há ainda uma terceira espécie de loucura, aquela que é inspirada pelas Musas: quando ela fecunda uma alma delicada e imaculada, esta recebe a inspiração e é lançada em transportes, que se exprimem em odes e em outras formas de poesia, celebrando as glórias dos Antigos, e assim contribuindo para a educação da posteridade. Seja quem for que, sem a loucura das Musas, se apresente nos umbrais da Poesia, na convicção de que basta a habilidade para fazer o poeta, esse não passará de um poeta frustrado, e será ofuscado pela arte poética que jorra daquele a quem a loucura possui.

Embora não sejam somente estas, já ficas sabendo quais são as belas vantagens que se podem usufruir de um estado delirante inspirado pelos deuses. Podemos agora concluir que não devemos recear, nem devemos deixar-nos confundir pelo espantalho de uma doutrina, segundo a qual se deve preferir a amizade do homem sensato à amizade do homem apaixonado. Bem pelo contrário, a vitória deve ser dada ao apaixonado, pois o amor foi enviado pelos deuses no interesse do amante e do amado, e é isso mesmo, contra aquela tese, que procuraremos demonstrar: os deuses desejam a suprema ventura daqueles a quem foi concedida a graça da loucura. Certamente que esta demonstração não convencerá



os habilidosos, mas será convincente para os sábios. Nestas condições, a primeira coisa a fazer é tornar explícita a natureza da alma, dos seus estados e actos, assim como indagar se esta natureza é humana ou divina.

Esta demonstração parte do seguinte princípio: a alma é imortal, pois o que se move a si mesmo é imortal, ao passo que, naquilo que move alguma coisa, mas, por sua vez, é também movido por outra, a cessação do movimento corresponde ao fim da existência. Somente o que se move a si mesmo não deixará de mover-se e, sendo assim, constitui também fonte de movimento para as outras coisas que se movem. Ora, um princípio constitui algo inato, pois é a partir de um princípio que necessariamente assume existência tudo aquilo que existe, ao passo que o princípio não provém de coisa alguma, pois, se começasse a ser partindo de qualquer outra fonte, não seria princípio. Por outro lado, como não proveio de uma geração, não se encontra sujeito à corrupção, pois é evidente que, uma vez o princípio anulado, jamais poderia gerar-se nele, porque ele é o princípio e tudo provém necessariamente desse princípio. Podemos então concluir que o princípio do movimento é o que a si mesmo se move e por isso não pode ser anulado, nem pode ter começado a existir, pois, de outra maneira, todo o universo, todas as gerações parariam e jamais poderiam voltar a ser movidas a encontrar um ponto de partida para a existência.

Agora que foi demonstrada a imortalidade do que se move por si mesmo, não haverá qualquer escrúpulo em afirmar que essa é exactamente a essência da alma, que o seu carácter é precisamente este. Com efeito, todos os corpos movidos por um agente exterior são inanimados, enquanto o corpo movido de dentro é animado, pois que ele é o movimento e natureza da alma.

O que se move a si mesmo não pode ser outra coisa senão a alma, de onde se segue necessariamente que a alma é simultaneamente incriada e imortal. 246

No que respeita à imortalidade da alma basta o que dissemos. Quanto à natureza, é necessário explicá-la da seguinte forma:

Caracterizá-la daria ensejo a um longo e divino discurso, mas como se trata apenas de oferecer uma breve imagem, bastará um discurso humano de menores proporções, e nessa medida tentaremos falar: a alma pode comparar-se a não sei que força activa e natural que unisse um carro a uma parelha de cavalos alados conduzidos por um cocheiro [1]. Os cavalos dos deuses são de boa raça, mas os dos outros seres são mestiços. b Quanto a nós, somos os cocheiros de uma atrelagem puxada por dois cavalos, sendo um belo e bom, de boa raça, e sendo o outro precisamente o contrário, de natureza oposta. De onde provém a dificuldade que há em conduzirmos o nosso próprio carro.

[1] Alegoria que define o cerne da cosmologia platónica, na medida em que a terra é tida como algo imóvel, em cujos páramos só os deuses se movem.



Posto isto, de onde derivam as denominações de mortal e de imortal, atribuídas aos seres vivos? Convém que expliquemos igualmente este ponto. É sempre uma alma que rege todos os seres inanimados mas, ao circular na totalidade universal, reveste-se, aqui e ali, de formas diferentes. Quando é perfeita c e alada, paira nos céus e governa o universo e, quando perde as asas, precipita-se no espaço, tombando em qualquer corpo sólido, onde se estabelece e se reveste com a forma de um corpo terrestre, o qual começa a mover-se, por causa da força que a alma que está nele lhe transmite. É a este conjunto do corpo e da alma, solidamente ajustados um ao outro, que designamos por ser vivo e mortal. Quanto ao imortal, não é coisa que possamos explicar de forma racional, mas podemos conjecturar, mesmo sem experiência e sem suficiente intelecção, a ideia de Deus: um d ser vivo imortal que possui uma alma, que também possui um corpo, ambos unificados para uma duração eterna, o que depende da vontade da Divindade. Passemos agora ao estudo das causas que levam as almas a perder as asas. Uma causa pode ser esta:

A natureza da asa consiste em poder conduzir um corpo pesado para cima, para as alturas onde habita a raça dos deuses, e por isso a alma é, de entre tudo o que participa do corpóreo, o que, simultaneamente, mais participa da natureza divina. Ora, a e natureza divina é bela, sábia, bondosa, dispondo de

todos os atributos pertencentes a esta categoria. Nada existe melhor do que estas qualidades para alimentar e desenvolver o sistema alado da alma, da mesma maneira que o pesado, o feio, o mau, tudo o que contrasta com as qualidades precedentes, a degrada e conduz à ruína. O grande capitão do céu, Zeus, ao sair com o seu carro alado, é o primeiro a avançar, ordenando todas as coisas e cuidando de tudo. É logo seguido por um exército de deuses e de demónios, 247 repartido por onze secções. Somente Héstia [1] fica em casa. Quanto aos outros onze, cada um serve de guia à sua tribo, à tribo que foi destinada a cada um deles. Por este motivo, são frequentes e beatíficos os espectáculos que estas evoluções oferecem no espaço onde vive a grande família dos deuses, cada um deles realizando a tarefa que lhe foi atribuída, de onde resulta que o poder e a vontade estão sempre harmonizados, pois não há lugar para a Inveja no coração dos deuses! Muitas vezes, sempre que se dirigem para o banquete que aguarda os deuses, os carros sobem por um caminho escarpado que os conduz ao zénite da abó- b bada celeste. Como os cavalos que puxam os carros são dóceis, a subida é fácil para os deuses; para os demais, é uma subida penosa, porque o corcel de má raça puxa e inclina o carro para a terra, dificultando a

[1] Héstia, a Terra. A expressão *fica em casa* refere que Platão tinha por certa a imobilidade da terra que seria, então, segundo o sistema geocêntrico, o próprio centro do Universo. Héstia era também a deusa do lar.



tarefa de condução do carro ao que dela está encarregado.

É nesse lugar que as almas experimentam a alegria suprema, pois as almas a que chamamos imortais, uma vez que atingiram o zénite, são tomadas de um movimento circular e podem contemplar as reali- c dades que se encontram sob a abóbada celeste.

Nenhum poeta compôs ainda um hino em louvor desta região supra-celeste, e jamais haverá algum que possa compor um hino digno do tema. Mas vejamos como ela é, pois, se há um ensejo de dizer a verdade esse é, mais do que nunca, aquele em que falamos da própria Verdade.

Pois bem: a realidade que realmente não tem cor, nem rosto, e se mantém intangível; aquela cuja visão só é proporcionada ao condutor da alma pelo intelecto; aquela que é património do verdadeiro saber, é d essa Verdade que ocupa efectivamente aquele lugar. Daqui se infere que o pensamento de um deus se alimenta de inteligência e de sabedoria puras, assim como o pensamento de todas as almas que se dedicam à procura do alimento que mais lhes convém quando, no decorrer do tempo, puderam aperceber-se da realidade, é nesse lugar que as almas encontram a possibilidade da contemplação das realidades verdadeiras (a qual é uma alimentação benfazeja), até que o movimento circular as faz retornar ao mesmo ponto. Enquanto este movimento dura, a alma pode contemplar a Justiça em si mesma, bem como a Ciência, pois ela tem na sua frente, sob os seus olhos,

e um saber que nada tem a ver com este que conhecemos, sujeito às modificações futuras, que se mantém sempre diversificado na diversidade dos objectos aos quais se aplica e aos quais, nesta existência, damos o nome de Seres. Ela é verdadeiramente a Ciência que 248 tem por objecto o Ser dos seres. Depois de ter contemplado as essências das coisas, uma vez saciada no conhecimento, a alma regressa ao interior do céu e aí repousa. Logo que regressa, o cocheiro põe os cavalos à manjedoura e dá-lhes ambrósia para comer, e néctar para beber. Se, quanto à existência dos deuses assim é, vejamos agora o que se passa com as outras almas.

Estas tentam tudo para serem dignas de seguir os deuses, erguendo para cima a cabeça do cocheiro mas, perturbadas pelos corcéis que puxam o carro, apenas conseguem vislumbrar as realidades. Tão depressa levantam como baixam a cabeça e, como não conseguem dominar a desarmonia dos corcéis, apenas vêem algumas realidades, mas não conseguem ver outras. Outras almas existem cuja única aspiração é subir, movimento que logram efectuar com perfeição. Mas isso de nada lhes vale porque, no movimento circular, com a ânsia de se colocarem nos primeiros lugares, b acabam por se atropelar umas às outras e daí resulta uma grande confusão, a luta, os suores e, por culpa dos cocheiros, acabam por se ferir umas às outras, e muitas acabam por perder as penas das asas. Enfim, invadidas por extrema fadiga, acabam por cair, sem chegarem a iniciar a contemplação da Verdade e, uma vez caídas, apenas lhes resta a opi-



nião como simples alimento. A causa que atrai as almas para a contemplação da Verdade consiste em que só ali encontram o alimento que as pode satisfazer inteiramente, desenvolver as asas, esse alimento c que, enfim, liberta as almas das terrenas paixões.

Segundo a lei de Adrástea [1], todas as almas que se integram no séquito de um deus são agraciadas com a contemplação de algumas verdades. Por outro lado, durante a viagem circular, mantêm-se isentas de pecado e, se conseguirem manter este estado, ao fim de cada viagem continuarão isentas de pecado, como a princípio. Mas, se não conseguirem a fortaleza para tanto, ser-lhes-á retirada a graça daquela visão. Com efeito, quando, por qualquer causa funesta, se animam de esquecimento e de perversão, tornando-se pesadas, perdem as asas e acabam por cair na terra. d Todavia, uma lei existe que prescreve que, no primeiro nascimento, uma alma não pode entrar no corpo de um animal; aquela que maior número de verdades tenha contemplado, está destinada a implantar-se no sémen de onde se gerará um filósofo, um esteta ou um músico; a alma de segundo grau animará o corpo de um rei obediente às leis ou o de um guerreiro hábil na estratégia; a alma de terceiro grau animará o corpo de um político, economista ou financeiro; a de quarto grau animará o corpo de um

[1] Adrástea, epíteto de Nemésis, significa a regra necessária e o inevitável. Personifica a justiça distributiva e implica, na passagem do texto, uma concepção finalista e escatológica.

e atleta ou de um médico; a de quinto grau terá direito a dar a existência a um profeta, ou a um adivinho consagrado em qualquer forma de iniciação; a de sexto grau será a do poeta, ou de qualquer outro criador de imitações; a de sétimo grau será a de um artesão ou camponês; a de oitavo grau, será a do sofista, cuja arte consiste em lisonjear o povo, a demagogia; a de nono grau corresponderá à de um tirano.

Suponhamos que, de entre todos estes homens, houve um que teve uma existência digna. Receberá, como recompensa, melhor sorte, enquanto a pior será atribuída ao que levou uma existência indigna.

A alma não voltará ao ponto de onde saiu senão passados dez mil anos, isto é, não receberá as asas antes que este tempo se cumpra, com excepção dos filósofos e dos que amam os jovens com amor filosófico. De facto, as almas destes, tendo escolhido três vezes seguidas a vida da filosofia, recebem as asas à terceira revolução milenar e afastam-se. Quanto às outras, uma vez terminada a primeira vida, são submetidas a juízo e, depois de julgadas, umas vão cumprir as penas para locais de penitência que há abaixo da terra, outras, absolvidas pela justiça, sobem para um lugar do céu, onde desfrutam de uma existência que as recompensa da vida que levaram enquanto tiveram a forma humana. Mas, no milésimo ano, as almas destas duas espécies são obrigadas a escolher uma segunda existência, cuja escolha depende da vontade de cada uma delas. Desta maneira, uma alma humana pode entrar no corpo de uma besta, assim



como uma alma bestial pode entrar no corpo humanal, desde que noutra das suas vidas anteriores, tivesse sido a alma de um homem, pois as almas que nunca contemplaram a verdade não podem assumir a forma humana, pelo seguinte motivo: a inteligência humana deve exercer-se segundo o que designamos por Ideia, indo desde a multiplicidade das sensações para uma unidade cuja abstracção é a verdade racional. Este acto de abstracção consiste numa recordação das verdades eternas contempladas pela alma no momento em que se integrava no séquito de um deus, quando podia contemplar estas existências a que atribuímos a realidade e quando, depois, levantava os olhos para o que é verdadeiramente real. Assim, é perfeitamente justo que só o espírito do filósofo disponha de asas, porquanto nele a memória permanece fixada nesses objectos reais, tornando-se, dessa maneira, semelhante a um deus! É utilizando convenientemente essas recordações que um homem, cuja iniciação nos mistérios perfeitos foi sempre perfeita, se torna autenticamente perfeito, pois um homem deste quilate dirige a sua alma somente para os objectos divinos, o que leva a multidão a considerá-lo como um louco, muito embora ele se encontre apenas possesso de um deus, coisa que a multidão não pode apreender! Do que dissemos, atingimos a quarta espécie de delírio, sim do delírio: quando, vivendo neste mundo, se consegue vislumbrar alguma coisa bela. A alma recorda-se então da Beleza real, recebe asas e deseja subir cada vez mais alto,

como se fosse uma ave. Impossibilitada de conseguir, negligencia as coisas terrenas, assim dando a parecer que não passa de um louco! Por isso, entre as várias formas de entusiasmo, esta revela-se como sendo a mais perfeita e a que melhores consequências acarreta, tanto para quem a possui como para quem dela participa, e por isso se costuma também dizer que os possuídos por este entusiasmo se designam por amantes.

Conforme disse anteriormente, em virtude da essência, todas as almas humanas contemplaram a Verdade, pois, se assim não acontecesse, jamais poderiam insuflar-se num corpo humano. Mas nem todas as almas podem recordar-se daquela Verdade perante a simples contemplação das coisas deste mundo com a mesma facilidade, pois, uma vez sujeitas à queda, facilmente são impelidas à prática da injustiça, olvidando os augustos mistérios que um dia tinham contemplado. Assim, poucas são as almas a quem foi dado o dom da reminescência, e estas, quando se apercebem de qualquer objecto semelhante ao do reino superior, como que ficam perturbadas e perdem o poder do auto-domínio! Mal podem aperceber-se de si mesmas e são incapazes de se analisar.

Pois bem: nem a Justiça, nem a Sabedoria, nem qualquer outra virtude das almas, tem aqui a mesma luminosidade e, ao observá-la com estes fracos órgãos, reconhecemos, nas suas imagens, o modelo que representam. Mas a Beleza era deslumbrantemente visível quando, no coro dos bem-aventurados,



podíamos assistir a esse espectáculo de visão beatífica, em que uns seguiam no cortejo de Zeus e, outros, no cortejo dos outros deuses. Nesse tempo em que tudo se encontrava sob o olhar dos deuses, em que, iniciados nos mistérios divinos os celebrávamos na ingenuidade da nossa pureza, isentos de todos os pecados que nos aguardavam no decurso ulterior do tempo: integridade, simplicidade, imobilidade, felicidade, eram as visões que a iniciação fazia passar em frente de nossos olhos, no seio de uma luminosidade pura e deslumbrante, justamente porque também nós éramos puros e não tínhamos contacto com este sepulcro que se chama corpo, dentro do qual nos movemos, a ele tão ligados como a ostra à sua concha... Perdoa-me por me ter alongado desta maneira, mas tudo isso resulta da reminescência do passado, dos esplendores que jamais voltarão a repetir-se!

Quanto à Beleza — conforme já disse — ela sobressaía entre todas as ideias puras a que nos referimos. Depois que viemos para esta existência, é ainda ela que ofusca todas as coisas com o seu brilho, pois a visão é de facto o mais subtil dos nossos sentidos, embora não possa aperceber-se da Sabedoria! Que veementes amores não despertaria se nos oferecesse uma visão nítida daquelas imagens que poderíamos ver para além do céu! Somente a Beleza tem a ventura de ser mais perceptível e cativante! Quem não foi recentemente iniciado ou quem se deixou corromper não pode erguer-se à contemplação da Beleza total, apenas lhe sendo permitido conhecer o que

nesta existência se chama o Belo e a que não pode adorar. Diversamente, tendo-se entregue ao prazer, procede como um quadrúpede, entrega-se ao prazer sensual e à procriação dos filhos e, uma vez familiarizado com a intemperança, deixa de ter medo de se entregar a todos os prazeres, incluindo aqueles que são contra a natureza [1]. Mas, o que foi recentemente iniciado e que outrora teve o dom de contemplar muita coisa, esse, quando vislumbra um rosto divino ou qualquer outro objecto que traga a recordação da Beleza, ou um corpo formoso, esse experimenta primeiramente uma espécie de tremor e, depois, uma certa emoção, semelhante à de outrora. Nessa altura volta o olhar para o objecto belo que assim o despertou, e venera-o, como se de um deus se tratasse. Nestas circunstâncias, não fosse o receio de ser considerado como um mono maníaco, cumularia de homenagens o objecto bem-amado, como se de um deus se tratasse! No momento em que o contempla, é percorrido por um estremecimento febril pois que, uma vez recebida pelos olhos a emanação da beleza, sente-se aconchegado e essa emanação dá a vitalidade às asas da sua alma. Por sua vez, o calor funde os obstáculos que impediam a expansão da vitalidade, aquilo que impedia a germinação, em virtude da sua dureza. O afluxo de alimento provoca uma intumes-

[1] Tudo leva a crer que Platão condena, não apenas a pederastia, mas também todas as espécies de relações amorosas antinaturais.



cência, um élan de crescimento no suporte das pernas, a partir da raiz, e este ímpeto de vitalidade espalha-se por toda a alma. Com efeito, a alma estava outrora repleta de penas e eis que, agora, sente a dor própria do crescimento das asas! As impressões que sofre são exactamente como as que derivam do nascimento dos dentes: dores e irritação nas gengivas.

Quando, de repente, contempla a beleza de um jovem, sente um afluxo de partículas dele provenientes, de onde nasce o que se designa por onda de desejo (hímeros) [1] e a alma encontra nisso refrigério para as suas dores, e assim nasce a alegria.

Mas, quando se encontra separada do objecto amado, sente-se fenecer. As aberturas pelas quais saem as asas começam a murchar e, logo que se fecham, interceptam o crescimento da asa.

Por sua vez, a asa, feita prisioneira no interior, juntamente com a força do desejo, começa a palpitar fortemente, fazendo pressão sobre cada uma das saídas. Assim atormentada, a alma abandona-se abulicamente à dor, ao mesmo tempo que a recordação do objecto belo a leva a deixar-se invadir pelo frenesim. A mistura destes dois sentimentos leva a alma a atormentar-se com o aspecto derrotista da sua situação, por verificar que é incapaz de a vencer. Neste delírio

[1] *Hímeros* (ιμερως) significa, segundo Platão (Crátilo, 420 ab) o impulso das partículas de uma corrente. Para atingir este significado, o filósofo apresenta a palavra como sendo formada por três sílabas, a saber: ιεναι (impelir, empurrar), μερος (parte, porção, partícula) e ροη (corrente).

em que foi lançada, não pode repousar, nem de noite, nem de dia, e, impelida pela paixão, lança-se em busca dos lugares onde, segundo julga, pode encontrar a Beleza. Quando a consegue rever, e dirigir para ela a força do desejo, os poros, havia pouco obstruídos, começam a abrir-se. A alma retoma a respiração, deixa de sentir o aguilhão da dor e goza, 252 nesse instante, a volúpia mais deliciosa. Esta é uma das coisas de que ela não pode afastar-se voluntariamente, e nada existe que possa merecer-lhe tanta atenção como o objecto amado. Nem mãe, nem irmãos, nem camaradas! Tudo isto é olvidado e a perda dos bens materiais, por culpa da sua incúria, não tem para a alma a menor importância. Os bons costumes e as boas maneiras, que a alma até aí se comprazia em praticar, são vistas com o mesmo desdém. Está disposta à escravidão, a repousar em qualquer parte, desde que seja o mais próximo possível do seu amado. Efectivamente, não contente em venerar b o ser que possui a Beleza, ela encontra nele, e só nele, o remédio para a sua grande dor. Os homens, belo jovem a quem dirijo este discurso, denominam de *amor* este estado mas, se souberes como é chamado pelos deuses, a tua mocidade não deixará reagir-te de outro modo senão pelo riso. Creio que alguns Homéridas [1] recitam dois versos sobre Eros, o

[1] Homéridas, seguidores, imitadores e declamadores dos poemas de Homero.



segundo dos quais não dispõe de uma prosódia muito elegante. Eis o que esses versos dizem:

> «*Amor alado é o seu nome para os mortais*
> *Mas para os imortais é Pteros, por fazer crescer*
> *[as asas*» [1].

No que estes dois versos dizem tanto é permitido c acreditar como não acreditar, mas eles explicam a paixão dos amantes, bem como as suas causas e efeitos. Mas prossigamos: um comparticipante do cortejo de Zeus, que se tenha deixado enredar pelo deus alado, é capaz de suportar essa provocação com a maior facilidade. Quanto aos que fazem parte do cortejo de Ares, uma vez possuídos por Eros, julgam que são vítimas da ofensa dos amados e deixam-se invadir pela raiva assassina, dispondo-se a sacrificar-se, não somente a eles mesmos, mas também aos seus amados. O mesmo se verifica em relação aos acompa- d nhantes dos cortejos de cada um dos deuses, pois os acompanhantes procuram imitar o seu deus o melhor possível e assim procedem enquanto são vivos e, como não pode haver contaminação, assim vivem depois do primeiro nascimento, imitando o seu deus em todos os actos, seja nas relações com o objecto amado, seja nas relações com os outros homens.

[1] O último verso tem interesse porquanto o autor faz um jogo de palavras com πτέρως, que significa *dar asas* e, em sentido figurado, *excitar o desejo:* dar asas ao desejo.

Cada um escolhe o amor segundo o seu carácter e como consideram o objecto escolhido uma espécie de imagem da divindade, erigem-lhe uma estátua no coração, com o fito de o adorar e de lhe prestar um culto secreto. Assim, os que se encontram na órbita de Zeus procuram amar o que tenha alma semelhante a Zeus. Procuram saber se o amado tem vocação filosófica e qualidades de chefia e, logo que chegam a uma conclusão, dispõem-se a amá-lo e tudo fazem para desenvolver no amado o amor desse deus. E se acontece que não viveram antes sob o signo deste deus, entregam-se totalmente a cultivar as suas qualidades e esforçam-se por as aperfeiçoar pelo ensino, e eles mesmos se decidem a prosseguir este aperfeiçoamento. Outros procuram descobrir o carácter de Zeus e, uma vez descoberto, entregam-se inteiramente ao seu aperfeiçoamento, pois a sua maior necessidade passa a ser a de tudo orientar no sentido desse deus. Logo que o conseguem encontrar através da reminescência e se deixam invadir pelo deus, são tomados de um vivo entusiasmo e dedicam-se a imitar, tanto quanto lhes é possível, o carácter da divindade. E, como consideram o amado como a causa deste estado, passam a amá-lo ainda mais. Mesmo se, como as Bacantes [1], vão buscar o alimento a Zeus, espalham-no sobre a alma do bem-amado, tornando-o semelhante, na medida do possível, ao deus!

[1] Bacantes, companheiras de Baco ou Diónisos.



Os que se integram no cortejo de Hera, esses, procuram alguém com qualidades régias e, logo que o encontram, todos procedem como se reis fossem; os que seguiram Apolo, bem como aos outros deuses, regulam a sua conduta consoante os casos e procuram que os seus amados se adaptem à sua natureza. Quando conseguiram alcançar o seu objectivo pela limitação do seu próprio deus, persuadem os amantes e levam-nos a proceder em obediência a esse deus, tanto no aspecto da actividade espiritual, como no aspecto do comportamento social. Da capacidade de cada um depende o não terem inveja do amado nem mesquinhas malquerenças. Pelo contrário, tudo fazem para tornar os seus amados semelhantes aos deuses, e deste desejo se encontram animados os verdadeiros amantes. Podemos então concluir: se conseguem levar o amado a participar do seu interesse, essa vitória é, simultaneamente, uma iniciação. O amado que se deixar subjugar por um amante possesso desse delírio entrega-se a uma paixão deveras nobre, que será uma fonte de felicidade. Assim se deixa seduzir o que foi seduzido.

Lembremos que, no princípio da narração deste mito, dividi a alma em três partes, duas correspondentes aos corcéis e, uma terceira, correspondente ao cocheiro. Devemos continuar a ter esta divisão em mente. Disse que um dos corcéis era de boa raça e outro de má raça. Mas agora importa que procuremos saber em que consiste a bondade de um e a maldade de outro. Pois bem!

O primeiro, de melhor aspecto, tem um corpo harmonioso e bem lançado, pescoço altivo, focinho arrebitado, pêlo branco, olhos negros, desejo de uma glória que faça boa companhia à moderação e à sobriedade. Como é amigo da opinião certa, para ser conduzido, não precisa de ser esporeado, pois basta, para o fazer trotar, uma palavra de comando, ou de e encorajamento. Por sua vez, o segundo, é torto e disforme. Foi criado não sabemos como, tem o pescoço baixo, a nuca amarrada, o focinho achatado, a cor negra, os olhos cinzentos, uma compleição sanguínea. Amigo da soberba e da lascívia, as orelhas muito peludas, não obedece a ordens e a muito custo obedece, depois de castigado com o açoite.

O cocheiro, se encontra um objecto digno de ser amado, esse encontro aquece-lhe a alma, enche-a de 254 calor, de pruridos de desejo. O cavalo obediente obedece ao cocheiro enquanto o outro não obedece, nem ao freio nem ao castigo, e move-se, à força, entre obstáculos, embaraçando tanto o cocheiro como o outro corcel, e levando-os para onde ele quer, para o desejo e para a lascívia!

Finalmente, ambos os corcéis acabam por se sen- b tir indignados perante a consciência que lhes diz o que é abominável e contrário aos bons costumes, e assim acabam por se deixar conduzir, sem qualquer espécie de relutância, decidindo proceder de acordo com o convite que lhes foi dirigido.

Ei-los no entanto perante o amado! Ambos observam esta aparição ofuscante: é o bem-amado!



À sua vista, a lembrança chama o cocheiro para a suprema realidade da Beleza: volta a contemplá-la, acompanhada da Sabedoria, no seu pedestal sagrado! Ao contemplá-la, sente um misto de temor e de amor c e refreia a marcha do coche. Com tal violência o faz, que ambos os cavalos acabam por cair: um, o bom, sem retraimento e de boa vontade; o outro, o mau, terrivelmente contrafeito. Ao mesmo tempo que ambos se afastam do amado, um deles, acossado pela vergonha e pelo arrependimento, banha de suor toda a alma; enquanto o outro, uma vez passada a dor causada pelo freio e pela queda, faz um enorme esforço de respiração, encoleriza-se e luta contra o cocheiro e contra a sua parelha, por uma questão de indolência, de pusilanimidade, pois desertara do acordo, traindo o compromisso que em comum tinham assumido.

E novamente o cocheiro os obriga a aproxima- d rem-se, apesar das recusas sucessivas, não lhes concedendo descanso por muito tempo, pois, a breves intervalos, os faz lembrar do amado por eles menosprezado.

Finalmente, após estas tentativas, quando se aproximam, o mau corcel precipita-se para a frente, levanta a cauda, morde o freio e puxa-o para o seu objectivo de maneira despudorada. Neste interim, o cocheiro, ainda mais impressionado do que anterior- e mente, logo tenta fugir, e, com maior esforço e violência, puxa o cavalo mau para trás, fazendo pressão no freio, provocando-lhe dores e feridas, de onde

escorre sangue. Obrigando-o a ir a terra, obriga-o ao sofrimento. Depois de assim ter sido submetido aos castigos sucessivos, o mau cavalo acaba por renunciar à tendência má. A partir de então torna-se humilde, obedecendo ao cocheiro e, sempre que contempla o belo, quase morre de medo! Só a partir deste momento a alma do amante segue, com discrição e pudor, o amado!

255 Também o jovem que se vê honrado como um deus pelo amante não pode aceitar este facto como se de comédia se tratasse. Pelo contrário, deseja encarar o facto a sério e sente a necessidade de amar o seu devoto servo.

Suponhamos que, antes disso, os seus amigos e outras pessoas denegriram diante dele este sentimento, dizendo-lhe que é vergonhosa a mantença de relações com um amante e que, por esse motivo, se deve afastar! No caso de se afastar do amante, com o andar dos tempos, a idade e a necessidade de amar e b de se sentir retribuído, levá-lo-ão a reaproximar-se do amante. O destino não determinou que um malvado ame a um malvado ou que um homem virtuoso ame a um outro igualmente virtuoso. Quando o amado aceita o amante, que se entreteve com a sua ternura e a sua convivência, compreende que o afecto de todos os outros reunido, seja dos amigos, seja dos familiares, não pode ser comparado ao amor daquele que ama inspirado pelo amor divino. Perserverando neste comportamento, encontram o convívio que procuc ram, seja nos ginásios, seja em qualquer outro local



de encontro, e assim nasce essa emanação a que já me referi, essa a que Zeus, ao amar Ganímedes [1], chamou de onda de desejo. Esse desejo corre abundantemente para a alma do amante mas, enquanto uma parte se perde nele, outra, uma vez o amante repleto dela em plenitude, transvasa. Do mesmo modo que o sopro ou um som reflectido por um corpo sólido e resistente, também as emanações da Beleza, entrando pelos olhos, através dos quais se reflectem, atingem a alma. Quando, seguindo o caminho natural que leva à alma, aí chega, enche totalmente a alma e as aberturas das asas que, recebendo nova vitalidade, ganha d nova plumagem e, por sua vez, a alma do amado fica também cheia de amor!

Assim ama o que ama: sem saber o que ama! Nem sabe, nem pode dizer o que se passou consigo. Tal como um doente de oftalmia, que desconhece a causa da moléstia, embora a sinta, assim também o amado não se dá conta de que se viu mesmo no espelho do amante! Quando este se encontra presente, termina a sua dor e, logo que se ausenta, imediatamente mergulha no sofrimento. Quando o amado está longe, também se sente invadido pela tristeza, e pois o reflexo do amor se encontra no seu peito. Todavia, o nome que ele dá a este sentimento, segundo julgo, não é o de *amor,* mas sim o de *amizade.* A sua ambição, análoga à do outro, embora

[1] Belo jovem por quem Zeus se teria deixado seduzir, e a quem raptou, para poder amar.

menos dominadora, é ver, tocar, beijar, deitar-se a seu lado. A partir daí, há muitas possibilidades de, em tais condições, as coisas não levarem muito tempo a acontecer! Uma vez que partilham da mesma cama, o corcel indisciplinado tem muitas coisas a dizer ao cocheiro: como prémio de tantos sofrimentos, apenas solicita um instante de prazer!

[256] Quanto ao corcel do amado nada diz, mas, ao sentir algo que não compreende, lança os seus braços ao pescoço do amante, beija-o, persuadido de que assim melhor mostrará o seu afecto a quem lhe quer tanto bem e, sempre que ambos se deitam lado a lado, não consegue recusar nenhum favor ao amante, sempre que este lho pede.

Por outro lado, o companheiro de jugo, que é bom, junta-se ao cocheiro e ambos resistem, porque isso mesmo lhes impõem o pudor e a razão.

Admitamos que a melhor parte da alma é, por conseguinte, a ordenada e a vitoriosa, que ama a harmonia e a filosofia. [b] Será feliz e plena de harmonia a existência que tiverem na terra, pois escravizaram a sua própria alma, a indócil e desavergonhada, para poderem viver em concórdia e com regra. Assim, quando chegarem ao termo da vida, ei-las levantando voo pelas suas próprias asas, libertas das três fases [1]

[1] Alusão explícita à prática de regulamentação dos Jogos Olímpicos. A palavra moderna mais adequada para traduzir «fases» seria «eliminatórias». Muito possivelmente, nestes jogos, alguns certames seriam disputados em duas eliminatórias e uma final.



deste duro certame verdadeiramente olímpico, o maior bem que a sabedoria humana ou a loucura divina podem proporcionar a um ser humano! Admitamos, todavia, que, pelo contrário, se dedicam a uma vida grosseira, que substituíram o amor da sabedoria pelo amor das honras: [c] pode acontecer que ambos os corcéis se deixem dominar pela embriaguez ou, num momento de abandono, se tornem indisciplinados e venham a escolher a conduta que, aos olhos das multidões, representa a felicidade. Uma vez satisfeitos, voltarão a gozar dos mesmos prazeres, mas isso já não será tão frequente, pois que raramente esses prazeres são aprovados pela totalidade da alma. Embora amigos, sê-lo-ão menos que os precedentes. Viverão um para o outro, mas a sua afeição não os ligará da mesma forma que liga os que se amam verdadeiramente [d] e, ao cessar o delírio, continuam a pensar que se encontram unidos por profundos compromissos. No final da vida, será sem asas — embora tenham feito algum esforço para as conseguir —, que sairão dos corpos que habitaram. Aliás, a lei divina não permite aos que iniciaram juntos a viagem celeste, que venham a precipitar-se nas trevas. Pelo contrário, promulga que, tendo passado uma existência luminosa, sejam muito felizes e façam juntos esta [e] viagem porque, em virtude do amor, ambos recebem asas quando chegar o tempo de as receberem!

Eis as coisas que te oferecerá, meu rapaz, aquele que souber amar apaixonadamente! A iniciação amorosa feita por quem não ama, por quem apenas pos-

sui a sabedoria humana, entregando-se a regras de economia mortal, filhando na alma amiga um sentimento mesquinho, que a multidão louva como se fosse uma virtude, só gera na alma do amado a sabe-
257 doria do escravo, a qual o fará vaguear, pela terra, durante nove mil anos.

Eis de que maneira, Amor, recebeste a mais bela, a mais excelsa das palinódias que sou capaz de te oferecer, em sinal de expiação dos meus pecados! Se o meu discurso parecer «de uma eloquência maravilhosa, muito especialmente pelo vocabulário», isso fica a dever-se a Fedro, que a tanto me obrigou. Perdoa-me, pois, o meu primeiro discurso e sê indulgente para com este que acabo de proferir. Não enfraqueças, não me retires esta parte de amar com que me distinguiste, e faz por me lembrar sempre para que eu louve, de cada vez melhor, a Beleza. Se outrora, tanto
b Fedro como eu próprio te ultrajámos com os nossos discursos, acusa Lísias, o verdadeiro pai desse discurso, e indu-lo a dedicar-se à filosofia, tal como fizeste com seu irmão Polemarco, a fim de que o seu amante, aqui presente, se liberte da triste situação em que ora se encontra, entre dois ímpios, para que possa consagrar incondicionalmente a sua vida ao amor, o qual de todo em todo se inspira na Filosofia!»

# Interlúdio

*Fedro* — Junto as minhas preces às tuas para que seja como pedes, caro Sócrates. No que se refere ao 257c teu discurso, devo confessar quanto ele me impeliu à admiração, tal foi a maneira como ultrapassaste o primeiro, quer na forma, quer no conteúdo. Receio bem que Lísias não fosse capaz de rivalizar contigo, caso houvesse ensejo de fazer uma contraprova. Bem se dizia dele, como sabes, que escrevia demais, que era um *logógrafo,* um fabricante de discursos! É muito possível que Lísias, por uma questão de amor próprio, se abstenha de escrever mais...

*Sócrates* — Que ideia tão singular, meu rapaz! Fazes muito mau juízo do teu amigo, ao julgar que d ele é homem para se deixar intimidar por tão pouca coisa. Mas achas que o autor da invectiva que citaste falava a sério, quando assim se referia a Lísias?

*Fedro* — Sem dúvida, Sócrates, e tu sabes tão bem como eu que, regra geral, os homens mais poderosos e eminentes de cada cidade receiam escrever discursos por causa das críticas a que a posteridade os

pode submeter, e até mesmo com receio de serem alcunhados de Sofistas!

*Sócrates* — Parece-me que entendes muito pouco c das mudanças devidas à vaidade. Não vês que os nossos políticos mais vaidosos são justamente aqueles que fazem muitos discursos, que se dedicam à logografia, ansiosos de deixarem os seus escritos para a posteridade? De tal maneira assim é que, sempre que pronunciam um discurso, mostram tal carinho pelos seus aduladores que os citam a todos, um por um...

*Fedro* — Não percebo o que pretendes dizer com isso...

258 *Sócrates* — Pois não vês que, nos escritos dos políticos, os citados em primeiro lugar são justamente aqueles que os costumam elogiar [1]?

*Fedro* — Como é isso?

*Sócrates* — Os políticos escrevem, por exemplo: «o conselho decretou» ou o «povo decretou», ou ainda, «o conselho e o povo decretaram» e, logo a seguir, citam o nome de quem fez a proposta do decreto e logo começam a falar de si próprios, utilizando solenes expressões, como se estivessem fazendo o seu próprio panegírico. Logo a seguir, imiscuindo-se no tema, louvam a sua sabedoria perante os que pertencem à sua corte de aduladores e assim compõem um escrito que, muitas vezes, acaba por se tornar demasiado extenso. Achas que um discurso desta natureza é muito diferente de um discurso escrito?

[1] Platão mostra um vício da sociedade grega.



*Fedro* — Parece-me bem que não... b

*Sócrates* — Ora, quando a obra triunfa, o autor sai do teatro muito satisfeito, mas se a sua proposta não encontra acolhimento, vê-se de repente destituído dos motivos que o levam a dedicar-se à logografia, e julga que o seu discurso não merece ser registado para a posteridade, o que constitui forte motivo de aborrecimento, tanto para ele como para os seus partidários.

*Fedro* — Na verdade, assim me parece!

*Sócrates* — É evidente que a tristeza deles resulta, não do facto de desprezarem esse costume, mas sim do facto de muito o considerarem!

*Fedro* — Absolutamente como dizes!

*Sócrates* — Pois bem: quando um orador, ou um monarca, é bastante hábil, quando tem a sabedoria c de um Licurgo, de um Sólon ou de um Dario, para se tornar um imortal autor de discursos, não achas que tem motivos para se considerar, mesmo em vida, semelhante aos deuses? E não é justamente esta a opinião que deles fica para a posteridade?

*Fedro* — Julgo bem que sim!

*Sócrates* — Nesse caso, achas que um homem desse quilate, mesmo sendo inimigo de Lísias, o poderá censurar simplesmente por este ter escrito um discurso?

*Fedro* — Não é muito provável, tendo em vista o que acabas de dizer, pois estaria a reprovar-se a si próprio...

d *Sócrates* — Assim fica tudo esclarecido: não é de forma alguma desprezível o facto de alguém escrever discursos!

*Fedro* — Inteiramente de acordo contigo...

*Sócrates* — Além disso, em que consiste escrever bem e escrever mal? Teremos por acaso, Fedro, de consultar a Lísias ou qualquer outro que nunca escreveu, nem escreverá jamais, sobre este assunto, ou mesmo a quem escreva sobre temas políticos, quer escreva metricamente como um poeta, quer em prosa, como qualquer um?

e *Fedro* — Perguntas se devemos fazer tal coisa! Mas que motivo maior nos leva a viver, senão esse prazer? É certo que prazeres deste género não pertencem aos que são precedidos de uma dor, sem a presença da qual não existe autêntico prazer! Ora este é o carácter de todos os prazeres que se relacionam com o corpo, motivo que os leva a serem designados por «servis»...

*Sócrates* — Em todo o caso, creio que ainda temos tempo para isso! Entretanto, veio-me à ideia que as cigarras, que costumam cantar por volta da 259 hora de maior calor, por cima das nossas cabeças, nos estão a observar. Se efectivamente nos observam, aqui a cochichar os dois, como se não passássemos de comuns mortais, em vez de dialogarmos, como se estivéssemos fatigados, não deixarão de se rir de nós,



considerando-nos como simples escravos que as vieram visitar, ou procuram um recanto para dormir a sesta, tal como um rebanho junto à fonte. Porém, se virem que estamos a conversar, e que não nos deixamos encantar pelo seu canto de sereias, talvez acabem por nos admirar e oferecer-nos de boa mente a graça que receberam como um favor divino, a fim de oferecê-lo aos homens! b

*Fedro* — Mas que favor divino é esse? Diz-me, pois confesso que jamais ouvi falar de tal coisa!

*Sócrates* — Na verdade, não fica bem ignorar tais coisas a um homem tão dado às musas! Mas ouve a lenda:

Outrora, as cigarras eram homens, homens que viveram antes do nascimento das musas. Quando estas vieram ao mundo, e trouxeram a revelação do canto, alguns homens desse tempo deixaram-se sugestionar de tal maneira por esse canto que, assim embevecidos, se esqueciam de comer e de beber, tendo morrido sem dar por isso! É justamente desses homens que provém a espécie das cigarras, que recebeu das musas o privilégio de, uma vez surgida, não ter qualquer necessidade de se alimentar, podendo por isso, com o estômago vazio e o papo seco, cantar sempre, desde que nasce até que morre, até ao momento de voltar para junto das musas a dar conta dos homens que, aqui na terra, rendem culto às musas! Assim, a Terpsicose [1] dizem o nome dos que a honram partici- c

[1] Terpsicose, musa da dança.

pando nos coros de dança, deste modo os tornando mais estimados por ela; a Érato [1], dizem o nome dos que compõem poesias de amor, e assim procedem em relação às outras musas, de acordo com a característica peculiar de cada uma delas. À mais velha de todas, Calíope [2], bem como à sua companheira mais nova, Urânia [3], as cigarras revelam o nome dos homens que se dedicam à filosofia, e compõem a música por elas preferida, pois, entre todas as musas, tendo o céu como objectivo primeiro e os problemas de ordem divina e humana, são elas que se fazem ouvir nos mais ternos cantos. Por isso temos mil motivos para conversarmos e para não nos deixarmos invadir pela modorra, à hora do meio-dia.

*Fedro* — Sendo assim, conversemos!

[1] Érato, musa da poesia lírica.
[2] Calíope, musa da poesia épica.
[3] Urânia, musa da matemática e da astronomia.

# DIÁLOGO SOBRE A RETÓRICA

*Sócrates* — Procuremos, nesse caso, reflectir sobre o assunto que há momentos estávamos a examinar, isto é, o de saber o que seja escrever e recitar bem um discurso, ou o que seja escrevê-lo e recitá-lo mal...

*Fedro* — Isso mesmo!

*Sócrates* — Pois bem, não te parece que se torna necessário que o orador se encontre bem instruído e informado acerca do tema sobre que vai discorrer?

*Fedro* — A esse respeito, presta atenção ao que ouvi dizer: ouvi dizer que para quem deseja tornar-se um orador consumado, não se torna necessário um conhecimento perfeito do que é realmente justo, mas sim do que parece justo aos olhos da maioria, que é quem decide, em última instância. Tão-pouco precisa de saber realmente o que é bom ou belo, bastando-lhe saber o que parece sê-lo, pois a persuasão se consegue, não com a verdade, mas com o que aparenta ser verdade.

*Sócrates* — *Eis uma opinião difícil de rejeitar* [1]... impossível mesmo de rejeitar, Fedro, quando tal opi-

[1] *Ilíada*, II, 361.

nião é a das pessoas importantes; mas a nós compete analisar o seu significado, e muito particularmente o que acabas de dizer-me merece toda a atenção!

*Fedro* — Perfeitamente.

*Sócrates* — Vejamos então como examinar esse tema...

*Fedro* — Como o examinaremos?

*Sócrates* — Supõe por momentos que tento persuadir-te a comprar um cavalo para ires combater os teus inimigos mas que, tanto tu como eu, ignoramos o que seja um cavalo e que, entretanto, eu chegava à conclusão de que, no entender de Fedro, o cavalo é o animal doméstico com as orelhas mais compridas...

*Fedro* — Mas isso seria ridículo, Sócrates!

*Sócrates* — Um momento, por enquanto! Ou que eu tentava seriamente persuadir-te a que escrevesses um panegírico do burro, chamando-o de cavalo e declarando que é muito prático adquirir essa besta, tanto para fins domésticos como para a guerra, que é tão útil na refrega das batalhas como no transporte de carga, como em qualquer outra coisa [1]...

*Fedro* — Isso seria ainda mais ridículo!

*Sócrates* — Mas diz-me, não é verdade que o ridículo de um amigo é preferível à irredutível prepotência de um inimigo?

*Fedro* — Sem dúvida!

[1] Platão exemplifica o conteúdo do discurso político de baixo coturno.



*Sócrates* — Por isso, quando um orador, ignorando a natureza do bem e do mal, se dirige aos seus concidadãos, que sofrem da mesma ignorância, para os tentar persuadir a não tomarem a sombra de um burro por um cavalo, ou o mal pelo bem; quando, depois de ter ouvido as opiniões da maioria, a impele para o mau caminho, em casos como este, quais são, a teu ver, os frutos que a arte oratória pode colher daquilo que semeou?

*Fedro* — Um fruto que não pode ser nada bom [1].

*Sócrates* — Todavia, não teremos, meu caro, exagerado os limites da dureza ao censurarmos assim a retórica? Pode acontecer que ela responda assim: «de que estais a tagarelar, homens de pouca monta? Não sabeis por acaso que eu não obrigo ninguém, que ignore a verdade, a aprender a falar, mas, posto que o meu conselho tenha algum merecimento, primeiro cumpre aprender a verdade e só depois se dedicar à minha prática? Eis, por conseguinte, o que declaro solenemente: nem por isso, o que estiver de posse da verdade a conseguirá impor sem recorrer à arte da persuasão!»

*Fedro* — E não teria realmente razão se assim falasse?

[1] O comentário aponta directamente para os vícios demagógicos, em que políticos decretam, por decisão de um povo ignorante.

retórica + lógica

*Sócrates* — De acordo, assim o reconheço, se os argumentos comuns conseguirem provar que a retórica é realmente uma arte, pois tenho ouvido algumas pessoas afirmarem o contrário, tentando provar que não é uma arte, mas sim um negócio, que nada tem a ver com a arte. Já o lacónico [1] declarava: «não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem jamais poderá haver».

261 *Fedro* — Não serão precisos argumentos desse quilate para demonstrar o que pretendes? Vamos, utiliza-os e vejamos o que eles nos dizem!

*Sócrates* — Vinde, nobres criaturas, e persuadi Fedro, pai de belos filhos, de que se não filosofar convenientemente jamais será digno de voltar a falar seja do que for! Que sejas tu, Fedro, a responder!

*Fedro* — Nesse caso, interroga-me!

*Sócrates* — Pois bem, não te parece que a retórica é uma *psicogogia* [2], uma arte de conduzir as almas através das palavras, mediante o discurso, não só nos tribunais e locais públicos, mas também em qualquer espécie de assembleia privada? Uma arte que não b varia consoante a grandeza ou a pequenez do assunto em vista? Uma arte cuja prática, isto é, cuja prática correcta, é tão louvável para tratar de assuntos cor-

[1] Laconismo e loquacidade são opostos. Enquanto em Esparta se dava especial atenção ao laconismo, dando prioridade à verdade sobre a beleza do discurso, na Atenas contemporânea de Platão reinava a loquacidade, em que mais interessavam as palavras do que a inteireza do seu conteúdo.

[2] Literalmente: orientação, persuasão da alma.



rentes como de assuntos nobres? Não é isto o que tens ouvido dizer?

*Fedro* — Não, por Zeus! Jamais ouvi falar dela c dessa maneira! Muito pelo contrário, fala-se e escreve-se com arte nas assembleias e nos tribunais do povo mas, quanto ao resto, nunca ouvi falar!

*Sócrates* — Por acaso não ouviste já falar nas regras de retórica que Nestor e Ulisses [1] compuseram perto de Ilion [2] nas horas de ócio? Não ouviste também falar das regras de Palamedes [3]?

*Fedro* — Por Zeus, nunca ouvi! Nem tão-pouco das de Nestor e de Ulisses, a menos que o teu Nestor seja Górgias [4] e que Ulisses seja um Trasímaco [5] ou um Teodoro [6] !

[1] Segundo a lenda, tanto Nestor como Ulisses foram notáveis oradores, sem que tivessem estudado a arte, contrariamente ao que se verificava em Atenas, na altura do diálogo entre Sócrates e Fedro. Sócrates agride directamente os costumes escolares atenientes.

[2] O mesmo que Tróia.

[3] Zenão de Eleia, o inventor da aritmética, que preferia a força da lógica à força da emoção, quando pretendia persuadir os seus ouvintes.

[4] Górgias, retórico, que deu o seu nome a um diálogo de Platão.

[5] Trasímaco, sofista. Platão fá-lo um dos *interlocutores* do diálogo *República*. Autor de vários discursos patéticos, o mais célebre dos quais se intitula *Comiserações*.

[6] Teodoro de Bizâncio, grande émulo de Lísias. Em diálogos de Platão, v.g. *Teeteto*, aparece outro Teodoro, que nada tem a ver com este, e que foi o matemático e mestre de Platão.

*Sócrates* — Pode ser que sim, mas deixemos esses homens de lado e diz-me: como procedem nos tribunais, os advogados das partes em litígio? Não procuram contradizer as afirmações um do outro? Ou não será assim?

*Fedro* — É precisamente assim.

*Sócrates* — Contradizem-se, então, tanto sobre o que é justo como sobre o que é injusto?

*Fedro* — Exactamente como dizes.

*Sócrates* — E não achas então que, fazendo isso com arte, se pode conseguir que a mesma coisa pareça aos homens ora justa, ora injusta, conforme as conveniências?

*Fedro* — Porque não havia de ser assim?

*Sócrates* — ... e quando se trata das arengas políticas não achas que acontece o mesmo, que a mesma coisa parece aos cidadãos, ora justa, ora injusta?

*Fedro* — Com certeza.

*Sócrates* — Passando agora ao eleático Palamedes, por acaso não sabemos que falava com tanta arte que a mesma coisa parecia aos seus ouvintes, ora de uma maneira, ora de outra, em unidade e diversidade, ora imóvel, ora em movimento?

*Fedro* — Assim o creio.

*Sócrates* — Por conseguinte, os tribunais e a eloquência política não são os únicos domínios onde se exerce a controvérsia, pois em todas as formas de discurso a arte, no caso de existir, se encontra, o que permite a um homem estabelecer comparações e



torná-las claras, e assim distinguir o que o seu opositor pretende confundir ou obscurecer [1].

*Fedro* — Como entendes tu, essa arte, Sócrates?

*Sócrates* — Se continuarmos a procurar como até aqui, estou certo de que o saberemos. No teu entender, em que coisas a ilusão se torna mais fácil: nas que diferem muito ou pouco?

*Fedro* — Nas que diferem pouco...

*Sócrates* — É evidente, e a ilusão será ainda menos notada quando passarmos gradualmente de uma coisa para o seu contrário, do que quando se passar de um só salto...

*Fedro* — Perfeitamente!

*Sócrates* — Por isso, se pretendemos iludir alguém sem nos iludirmos a nós mesmos, cumpre-nos conhecer com exactidão e em pormenor as semelhanças e dissemelhanças do objecto.

*Fedro* — É necessário que assim aconteça!

*Sócrates* — Por consequência, um homem que não conhece integralmente um objecto será capaz de discernir seja mesmo a menor similitude entre esse dado objecto e os outros que lhe são conhecidos?

*Fedro* — Impossível!

*Sócrates* — Nesse caso, torna-se evidente que aquele cuja opinião não corresponde à realidade, por isso se auto-iludindo, cai nessa ilusão, precisamente porque foi iludido pelas semelhanças.

[1] Platão insiste na necessidade da clareza lógica sobreposta ao obscurantismo retórico.

*Fedro* — Sim, é como dizes.

*Sócrates* — Será então possível, se um homem ignorar as verdadeiras qualidades, passar gradualmente da realidade ao seu contrário; usando a arte por meio de semelhanças, ou poderá defender-se desse perigo?

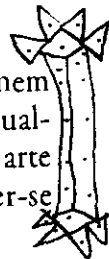
*Fedro* — Nunca lhe seria possível defender-se.

c *Sócrates* — Logo, meu amigo, quem não conhecer a verdade mas só alimentar opiniões, transformará naturalmente a arte retórica numa coisa ridícula, que nem sequer merece o nome de arte!

*Fedro* — Parece ser como dizes.

*Sócrates* — Prosseguindo, queres procurar agora, no discurso de Lísias, que tens contigo, bem como nos dois discursos que há pouco proferimos, quais os motivos que podemos dar como sendo arte, e os que não podem ser dados como tal?

*Fedro* — Com todo o prazer, tanto mais que temos estado a falar abstractamente, sem recurso aos exemplos concretos.

*Sócrates* — É uma verdadeira sorte que em d ambos os discursos se encontre um exemplo segundo o qual, quem possui a verdade, pode iludir facilmente os seus ouvintes. Porém, eu atribuo essa sorte aos deuses deste lugar, embora possa ter acontecido que os mensageiros das Musas, as cigarras cantadeiras que nos observam, nos tenham concedido a graça da inspiração, porquanto pessoalmente não tenho qualquer conhecimento sobre a arte retórica.



*Fedro* — Admitamos que assim seja, conquanto sejas capaz de o demonstrar.

*Sócrates* — Adiante: lê-me o intróito do discurso de Lísias.

*Fedro* — «*Tens conhecimento do meu propósito e já* e *sabes o que penso sobre o interesse que ambos temos na realização deste desejo. Confio em que a minha pretensão não seja necessariamente mal sucedida, uma vez que não sou, de facto, teu amante. Com efeito, as pessoas a quem me refiro, os amantes, acabam por se arrepender das complacências...*»

*Sócrates* — Basta! Cumpre agora verificar qual é o erro de Lísias, e analisar os pontos em que a sua composição se acha isenta da arte, não é verdade?

*Fedro* — Sim. 263

*Sócrates* — Não te parece que, segundo as evidências, em questões deste género, estamos de acordo em certos pontos e que noutros discordamos?

*Fedro* — Julgo compreender o que queres dizer, mas fala com maior clareza!

*Sócrates* — Quando ouvimos pronunciar as palavras «ferro» ou «prata» não te parece que todos pensamos a mesma coisa?

*Fedro* — Nada de mais certo.

*Sócrates* — Mas, quando ouvimos falar de «justo» ou de «bom» [1] o que se verifica? Não é verdade que cada um pensa em sua coisa? Não discorda-

[1] Atentemos na clara distinção das categorias do real e do ideal, como Platão transita do particular para o universal.

mos uns dos outros, chegando mesmo a discordar de nós próprios?

*Fedro* — Sem dúvida, muito.

b *Sócrates* — Nesse caso, em alguns assuntos concordamos e noutros discordamos...

*Fedro* — Sim.

*Sócrates* — E em que assunto podemos ser mais facilmente iludidos e em qual dos dois casos a arte retórica tem maior poder?

*Fedro* — É evidente que tem maior poder nos assuntos de natureza duvidosa.

*Sócrates* — Em vista disso, quem pretenda dedicar-se à arte retórica deve ter começado por distinguir esses dois géneros de assuntos, caracterizando cada um deles e, seguidamente, saber em que casos o povo tem dúvidas, e em que casos a dúvida não é possível.

c *Fedro* — Quem conseguisse atingir esse conhecimento seria certamente muito hábil!

*Sócrates* — Pois por isso mesmo nunca teria dúvidas, conheceria sempre a qual dos dois géneros pertence o assunto sobre que intenta discorrer.

*Fedro* — Sem dúvida...

*Sócrates* — Que diremos de Eros? Achas que é um assunto que pertence ao género dos contestáveis ou incontestáveis?

*Fedro* — É evidente que pertence ao género de assuntos susceptíveis de contestação. Ou estás persuadido de que Eros te permitiria dizer dele o que há pouco afirmaste, dizendo primeiro que constitui uma



desgraça para o amado e, depois, que era o maior dos bens?

*Sócrates* — Exprimes-te muito bem! Mas diz-me d ainda uma coisa, a qual esqueci devido ao meu entusiasmo: dei alguma definição de amor no começo do meu discurso?

*Fedro* — Sim, por Zeus, uma definição rigorosa!

*Sócrates* — Piedade! As Ninfas de Aquelô e o Pã de Hermes devem ser muito superiores a Lísias, filho de Céfalo, no tocante à arte da eloquência! Não estarei porventura enganado? Não nos deu Lísias, no começo do seu discurso, uma definição de Eros? e Acaso ordenou ele o seu discurso em face dessa definição? Importas-te de repetir a leitura do intróito?

*Fedro* — Certamente, se assim desejas, mas o que realmente queres não se encontra no intróito!

*Sócrates* — Lê, para que eu próprio ouça o que ele afirma.

*Fedro* — «*Tens conhecimento do meu propósito e já sabes o que penso sobre o interesse que ambos temos na realização deste desejo. Confio em que a minha pretensão não seja necessariamente mal sucedida, uma vez que* 264 *não sou, de facto, teu amante. Com efeito, as pessoas a quem me refiro, os amantes, acabam sempre por se arrepender das complacências que manifestaram, logo que hão saciado o seu desejo...*»

*Sócrates* — Sem dúvida que esse homem está longe de nos oferecer o que procuramos, pois não começa o discurso pelo princípio mas pelo fim, como os que tentam nadar de costas. Começa pelo que o

amante poderia dizer ao amado, uma vez o amor extinto, não é Fedro?

b *Fedro* — Sim, Sócrates, ele limita-se a falar do fim.

*Sócrates* — E que mais dizer? Não te parece que as frases do discurso estão mal ordenadas, que a segunda frase deveria ocupar o segundo lugar, o mesmo se podendo dizer das demais? Não sou muito competente em matéria de discursos mas, mesmo assim, fiquei com a impressão de que o autor escreveu, com audácia, o que lhe veio à cabeça. Por acaso conheces alguma regra logográfica que o tenha levado a ordenar o discurso dessa maneira?

*Fedro* — És muito ingénuo, se pensas que sou c capaz de penetrar em todos os artifícios da eloquência de Lísias!

*Sócrates* — Eis portanto um ponto de que não discordarás: todo o discurso deve ser formado como um ser vivo, ter o seu organismo próprio, de modo a que não lhe faltem, nem a cabeça, nem os pés, e de modo a que tanto os órgãos internos como os externos se encontrem ajustados uns aos outros, em harmonia com o todo.

*Fedro* — Não poderei negar isso...

*Sócrates* — Ora examina o discurso do teu amigo, e diz-me se nele se encontram essas condições! Em breve verificarás que mais parece o epitáfio que, segundo a tradição, foi gravado no sepulcro de Midas, rei da Frígia!

d *Fedro* — Que inscrição é essa?



*Sócrates* — O seu teor é este: «*Virgem de bronze jazo, no sepulcro de Midas / Enquanto correr a água e as grandes árvores renovarem as folhas / De pé, sobre este túmulo onde faço meu pranto / Direi a todos os que passam: Aqui repousa Midas* [1]». Já terás notado que qualquer um destes versos pode ocupar, indiferentemente, o primeiro ou o último lugar? e

*Fedro* — Zombas do nosso discurso, Sócrates...

*Sócrates* — Então, para que não te amofines, vamos pô-lo de parte, embora esse discurso seja abundante em exemplos que poderiam ser deveras úteis a quem tentasse imitá-lo. Atentemos nos outros discursos, pois, a meu ver, contêm motivos importantes para quem discuta a arte da oratória.

*Fedro* — Podes dizer-me a que te referes? 265

*Sócrates* — Quero dizer que ambos os discursos se contradizem, pois um afirma que se devem conceder favores ao apaixonado, e outro ao que não se encontra apaixonado.

*Fedro* — Sim, e com que ardor o afirmam!

*Sócrates* — Confesso que esperava utilizasses a palavra exacta: com ardor! Com efeito, era isso mesmo que estava pensando: uma fúria, eis o que ambos dissemos, não é verdade?

*Fedro* — Sim.

*Sócrates* — Mas a loucura, como sabes, comporta duas espécies, uma devida às doenças do corpo, outra

[1] Epitáfio atribuído à autoria do poeta Cleóbulo de Lindos.

proveniente de uma inspiração divina, que atira connosco para fora das regras rotineiras.

b *Fedro* — Assim me parece!

*Sócrates* — No que respeita ao delírio divino, dividimo-lo em quatro espécies, cada uma das quais provém de um deus determinado: o sopro divinatório de Apolo, a inspiração mística de Dionísio, a impressão poética das Musas e, enfim, a inspiração amorosa de Afrodite e de Eros. Também afirmámos a excelsa superioridade da inspiração amorosa e, não sei como, nós, que também somos tocados pela inspira- c ção divina do amor, ora fugindo, ora aproximando-nos da verdade — ao compor um discurso não totalmente isento de sentido — acabámos por compor um hino mitológico a Eros, o deus dos jovens, o teu, o meu deus, Fedro!

*Fedro* — Dizes bem, um hino que ouvi com o maior dos prazeres!

*Sócrates* — Eis portanto a lição a tirar desse hino: o modo como um discurso pode passar da condenação ao elogio.

*Fedro* — Que pretendes dizer?

*Sócrates* — Parece-me que tudo o que acabámos de dizer não passou de um mero jogo de palavras. No entanto, entre as coisas que por completo acaso dissemos, percebemos que existem duas maneiras de proceder, ambas muito interessantes, desde que pos- d samos compreender a técnica da passagem da condenação ao elogio.

*Fedro* — E quais são essas maneiras?



*Sócrates* — A primeira consiste em abarcar de uma só vez, graças à visão de conjunto, as ideias disseminadas, a fim de que, pela definição de cada uma dessas ideias, as possamos resumir em uma só ideia geral do assunto que se tem em vista tratar; foi o que há pouco fizemos a propósito do Amor. A nossa definição tanto pode ser boa como má, mas deu-nos a possibilidade de abordar o Amor com toda a clareza.

*Fedro* — E qual é a outra maneira a que aludiste, Sócrates?

*Sócrates* — Consiste em proceder na inversa, isto e é, em dividir novamente a ideia geral nas ideias particulares suas constituintes, observando-as nas suas articulações naturais, evitando, todavia, mutilar essas partes constituintes, tal como um mau cortador. Como vimos há pouco, os nossos dois discursos, apresentaram, primeiro, uma ideia geral da loucura. Logo a seguir, assim como a unidade do nosso corpo 266 compreende, sob a mesma designação, os membros do lado esquerdo e os membros do lado direito, também os nossos discursos concluíram, dessa definição geral, duas noções distintas, a saber: uma à esquerda, que distinguiu o que estava errado e vilipendiou merecidamente o amor; outra que, situando-se do lado direito, tomou a via mais acertada, e se lançou à descoberta de um outro amor, igualmente divino, ao qual cumulou de elogios e apresentou como o maior b dos bens.

*Fedro* — Ninguém falaria com tanto acerto!

*Sócrates* — Eu também sou muito dado, caro Fedro, a esta maneira de reduzir e analisar as ideias, pois é o melhor processo de aprender a falar e a pensar, e sempre que me convenço de que alguém é capaz de aprender, simultaneamente, o todo e as partes de um objecto, decido-me a seguir esse homem como se «seguisse as pegadas de um deus»! Em verdade, aos homens que possuem este talento — se c tenho ou não tenho razão ao dizer isto, o deus o sabe! — sempre os tenho chamado por «dialécticos». Mas, antes de mais, diz-me: como devem ser chamados os que aprendem contigo e com Lísias? Talvez seja essa a arte retórica que permitiu a Trasímaco e aos seus pares tornarem-se hábeis oradores, instruindo igualmente os outros que, em sinal de agradecimento, lhes oferecem presentes, como se fossem reis [1]?

*Fedro* — Esses homens têm efectivamente fama de reis, mas não pelo conhecimento da arte a que te referes. No entanto, segundo me parece, a designação de dialéctica para a arte de que falas é correcta, embora pareça que a arte retórica foi então excluída da nossa conversa!

d *Sócrates* — Isso é o que tu pensas! Haverá por acaso, na arte da palavra, outra parte além da dialéctica? Mas, visto que não devemos menosprezar a retórica, vejamos em que consiste essa arte.

[1] Crítica aberta ao facto de os mestres de retórica, os Sofistas, se fazerem pagar caro.



*Fedro* — As regras existentes nos livros que tratam desta arte não são poucas, caro Sócrates!

*Sócrates* — Fizeste muito bem em me ter lembrado isso! Julgo, se não estou enganado, que todo o discurso deve começar pelo «preâmbulo». Pretendes referir-te aos ornamentos da arte?

*Fedro* — Sim.

*Sócrates* — Em segundo lugar vem a «exposição», e e, logo depois, os «testemunhos» a ela referentes; em terceiro lugar vêm as «provas» e em quarto lugar as «probabilidades». Se também não me engano, segundo dizia o grande Bizantino [1], o grande cinzelador de discursos, as «provas» devem apoiar-se num «suplemento de prova», isto é, numa confirmação e dedução.

*Fedro* — Por acaso referes-te ao grande Teodoro?

*Sócrates* — Que pergunta! Ele mesmo disse que 267 uma acusação, ou uma defesa, exige uma refutação. Também o magnífico Eveno de Paros [2] inventou a «alusão» e o «elogio indirecto» e há quem diga que também se refere à «censura indirecta», utilizando versos mnemotécnicos! Que homem admirável, com efeito! E Tísias, e Górgias? Poderemos olvidá-los, a eles, que demonstraram que o provável deve ser mais respeitado do que o verdadeiro e que, por magia da palavra, as coisas aparentemente pequenas se tornam

[1] Teodoro.

[2] Eveno de Paros que, segundo a tradição, foi mestre de Sócrates. Eveno abria cursos de retórica, cujos alunos pagavam, por cada curso, a importância de cinco minas.

grandes e as grandes pequenas? Que fundem o arcaico no que é novidade e a novidade no arcaico? Que, para discorrer sobre um tema inventaram o método do discurso conciso e do discurso infinitamente longo? Um dia, em que lhe falei destas coisas, Pródico [1] riu e disse-me que tinha sido ele quem descobrira os bons métodos da arte retórica e que, no seu entender, os discursos não devem ser, nem muito concisos, nem muito prolongados, e que deviam sempre confinar-se a uma medida justa.

*Fedro* — Pródico é o cúmulo da sabedoria, não há dúvida!

*Sócrates* — E não mencionaremos Hípias [2]? Creio bem que Pródico até obteria a concordância desse amigo eleata!

*Fedro* — Porque não?

*Sócrates* — Que haveremos de dizer de Polos [3], das suas regras sobre a consonância, repetições, excessivo uso dos provérbios, alegorias e outras figuras que recolheu do *Vocabulário* de Licínio [4], para compor a sua bela «A Beleza da Linguagem»?

[1] Pródico de Ceos, um dos interlocutores do diálogo Protágoras, condenado a beber a cicuta, pouco tempo depois da morte de Sócrates.

[2] Hípias, interlocutor do *Protágoras*, deu o seu nome a dois diálogos de Platão: *Hipias Maior* e *Hipias Menor*. Existem traduções destes dois diálogos, pelo Dr. Sant'Anna Dionísio.

[3] Polos de Agrigento, discípulo de Licínio.

[4] Licínio, gramático.



*Fedro* — E Protágoras [1], caro Sócrates, não formulou, ele também, regras semelhantes?

*Sócrates* — Sim, meu rapaz, compôs um livro sobre «a propriedade da linguagem» e uma quantidade enorme de outras belas coisas... mas, quanto à arte de fazer discursos para excitar a piedade pelos velhos e pelos pobres, ninguém conseguiu ainda ultrapassar o eloquente Calcedónio! Só ele sabia como enfurecer um auditório e, logo a seguir, sossegá-lo com as suas forças mágicas! Tanto era capaz de levantar calúnias, como de desfazer as maiores que tivessem sido levantadas. Mas falemos agora da maneira de terminar o discurso. Há quem chame «recapitulação» à parte final, muito embora também haja quem lhe dê outro nome...

*Fedro* — Queres dizer «peroração», na qual, ao terminar, o orador faz um apanhado geral de tudo o que disse, para relembrar a matéria do discurso aos ouvintes?

*Sócrates* — Isso mesmo. Agora, talvez tu possas dizer algo mais sobre a arte da oratória!

*Fedro* — Nem pensar nisso! Além do que já dissemos, só sei coisas sem interesse, de que não vale a pena falar.

*Sócrates* — Deixemos então de lado as coisas que não valem a pena e procuremos trazer à luz outra

[1] Protágoras, discípulo de Demócrito, deu o seu nome a um dos mais curiosos diálogos de Platão.

questão: que virtude advém do exercício dessa arte, e em que ensejos essa virtude se patenteia?

*Fedro* — Uma virtude altamente poderosa, Sócrates, mormente nas grandes assembleias populares!

*Sócrates* — Com efeito, assim é! Todavia, meu divino amigo, pensa bem e diz-me se a teia que nessas reuniões tecem te parece tão fraca como a mim?

*Fedro* — Explica-te melhor.

*Sócrates* — Imagina que alguém vinha procurar Erixímaco, teu amigo, ou o pai dele, Acúmeno [1], e lhes diziam: «*sei administrar muitas coisas no organismo humano, sou capaz de fazer com que ele transpire* b *ou sinta frio, e, se me apetecer, sei como provocar vómitos ou, se me der na gana, como obrigá-lo a evacuar. Sei muitas outras coisas do mesmo género e, como possuo este saber, tenho a certeza de que sou capaz de curar e de tornar saudável e de transmitir o meu saber a outros*» — que imaginas tu que diriam eles?

*Fedro* — Que mais haviam de perguntar senão se também sabia a quem se devia aplicar tais tratamentos, em que ocasiões, e durante quanto tempo?

*Sócrates* — Mas supõe o que diriam os médicos, se esse homem respondesse que não sabia, mas que c exigia aos seus discípulos que fossem capazes de determinar a prática desses tratamentos?

[1] Erixímaco e Acúmeno, médicos atenienses. O primeiro é uma das personagens do diálogo *O Simpósio*. Existe tradução portuguesa deste diálogo.



*Fedro* — Julgo que o considerariam louco por se julgar médico, só porque estudou aquelas coisas num livro, ou porque descobriu, por mero acaso, alguns remédios, embora nada perceba da arte de medicina.

*Sócrates* — Pois bem! Supõe agora que alguém vinha à procura de Sófocles e de Eurípedes, afirmando que era capaz de compor intermináveis discursos em verso sobre acontecimentos sem importância, ou pequenos poemas sobre grandes acontecimentos, ou poemas exortatórios da piedade e, até, sendo caso disso, composições de terror e de ameaça! Se, finalmente, afirmasse a sua convicção de que sabia ensinar d a arte de compor tragédias?

*Fedro* — Também esses homens se haviam de rir, Sócrates, de um homem que julgasse que compor uma tragédia consiste apenas em ajuntar os seus elementos, como se estes se ajustassem uns aos outros, como num jogo, de maneira a obter um conjunto orgânico!

*Sócrates* — Julgo, no entanto, que não o invectivariam com ofensas grosseiras, e mais depressa imitariam um músico que, ao caminhar, encontrasse um homem que, persuadido da sua competência na arte da harmonia, só porque soubesse como afinar uma corda, para conseguir uma nota, ou mais aguda, ou mais grave! O músico não diria a este enfatuado: e «*Infeliz, tu não regulas bem do juízo*» — nem pelo contrário, na sua qualidade de músico, comentaria brandamente desta maneira: «*Meu excelente amigo, é de facto indispensável saber fazer isso quando alguém*

*pretende tornar-se músico, mas isso não impede que um homem tão habilidoso como tu não desconheça por completo a arte da harmonia. Conheces de facto os preliminares dessa arte mas, quanto à teoria da própria arte, desconhece-la por completo.»*

*Fedro* — Nada de mais justo!

269 *Sócrates* — Também Sófocles responderia, ao homem que viesse mostrar-lhe, bem como a Eurípedes, as suas habilidades, que tais coisas são elementos fundamentais para a composição de uma tragédia mas que, apesar disso, não constituem a arte propriamente dita. Também Acúmeno responderia, por sua vez, que os seus conhecimentos de medicina, embora preliminares, não são a medicina.

*Fedro* — Concordo inteiramente.

*Sócrates* — Mais: que pensaremos de Adrasto [1], o das palavras melífluas, ou de Péricles, se por acaso eles ouvissem o que ainda há pouco dissemos sobre os artifícios do discurso, esses estilos concisos, esses estilos imagísticos, tudo isso que procurámos examinar à claridade do dia — por acaso falariam com b rudeza, assim como nós, aos que escreveram essas regras e as transmitiram pelo ensino oral? Seriam capazes de proceder com rispidez contra os que designam essas regras por retórica? Ou, como são mais inteligentes, não diriam: «*Fedro e Sócrates, em vez de*

[1] Adrasto, rei de Argos, conhecido por ter chamado Teseu à razão, quando este se encontrava enfurecido. Adrasto usou, para tanto, de «palavras melífluas».



*insultar, é necessário ter indulgência com quem, por não saber pensar, se mostra incapaz de arranjar uma justa definição para a retórica? Esses homens, em virtude da sua incapacidade para discernir, limitaram-se aos conhecimentos básicos sobre a arte, julgando ter aprendido a própria retórica. Assim ensinam aos outros,* c *estando convencidos de que formam oradores perfeitos, e pensam que os seus discípulos devem procurar falar sobre qualquer tema, sempre de modo persuasivo, conseguir um discurso como um todo vivo, como se isso fosse tarefa assim fácil.»*

*Fedro* — Sim, efectivamente, caro Sócrates, parece ser essa a arte que os indivíduos de que falaste têm ensinado como sendo a arte retórica, sobre ela tendo escrito tratados, e a minha opinião neste ponto é de que falaste com verdade. Mas, diz-me, como e onde procurar adquirir a verdadeira arte da oratória? d

*Sócrates* — A possibilidade, Fedro, de alguém se tornar um atleta perfeito também se apresenta necessariamente da mesma maneira. Se a eloquência é da tua natureza, serás um orador apreciado, se cumprires a condição de juntar a essa vocação a prática e o exercício. No entanto, se te faltar uma dessas condições, acabarás por ser um orador pouco competente. Qual seja a arte que corresponde às necessidades acima, não creio que o seu método se possa aprender segundo os caminhos de Lísias e de Trasímaco.

*Fedro* — Nesse caso, em que caminho será?

c *Sócrates* — Parece, meu caro amigo, que Péricles foi, entre todos, o que mais se distinguiu na arte da retórica!

*Fedro* — E porquê?

*Sócrates* — Todas as artes importantes devem 270 basear-se na pesquisa e na meditação da Natureza, pois é daí que parece advir-lhes essa sublimidade de pensamento que nelas se encontra, ao lado da perfeição. Péricles assim procedeu, juntando aos seus dons naturais os dons acima apontados. Teve a grande felicidade de conhecer Anaxágoras [1] um homem deste quilate, pois se dedicou à investigação da física, estudou a natureza do espírito e a carência de espírito (Anaxágoras tratou abundantemente destes temas) e transplantou-as para a sua arte retórica, do que tirou grande proveito.

*Fedro* — Que pretendes dizer com isso?

b *Sócrates* — Com a arte retórica passa-se mais ou menos o que se passa com a medicina.

*Fedro* — Então como?

*Sócrates* — Tanto em uma como em outra cumpre efectuar a análise de uma natureza: na primeira, a análise da natureza do corpo e, na segunda, a análise da natureza da alma. Tem de se levar isto em conta se, de acordo com a arte, e não só pela prática empírica e pela rotina, quiseres dar saúde e vigor a um e à outra, ministrando remédios e alimentos a um e

[1] Anaxágoras, filósofo da escola jónica. Foi grande a sua influência, e parece ter sido um dos mestres de Péricles.



infundir noutra as tuas convicções, de modo a torná-la virtuosa, mediante os discursos e a argumentação honesta.

*Fedro* — Há certa verosimilhança no que dizes, Sócrates.

*Sócrates* — E achas que será possível conhecer a c natureza da alma de uma forma condicionada, independentemente da natureza universal?

*Fedro* — A dar crédito à doutrina de Hipócrates, um Asclepíades [1], nem sequer o corpo se pode conhecer sem recorrer a esse método!

*Sócrates* — Pois ele tem razão ao dizer isso, como vês: mas, além do que disse Hipócrates, é necessário saber o que diz a razão e verificar se o que esta diz concorda com a anterior afirmação.

*Fedro* — Acho que assim deve ser.

*Sócrates* — Pois bem, procura agora saber o que dizem Hipócrates e a razão sobre a Natureza! Não é esta a maneira mais apropriada para determinar as características de um objecto, qualquer que ele seja? d Primeiramente, cumpre saber se o objecto que desejamos conhecer é simples ou multiforme: depois, no caso desse objecto ser simples, precisamos de conhecer as suas propriedades: qual a sua natureza essencial, e que relações tem com outros objectos, pelos quais pode ser influenciado, ou aos quais pode influenciar. Se, no entanto, o objecto for multiforme,

[1] Como Asclépio é o deus da medicina, Asclepíades será um seguidor de Asclépio.

isto é, comportar uma pluralidade de formas, teremos de as enumerar e, depois de as enumerar, poderemos proceder como já tínhamos feito para o objecto simples em relação a cada uma dessas formas: qual dessas partes é capaz de produzir uma acção e que espécie de acção? E qual é a influência dessa acção?

*Fedro* — Parece ser assim, Sócrates.

*Sócrates* — Porque, quem não seguir este método, seguindo outro diverso, não deixará de proceder como um cego, porque, quem analise um objecto de acordo com a arte não pode ser comparado, nem a um cego, nem a um surdo, e, muito pelo contrário, torna-se evidente que o ensino da eloquência, quando efectuado com arte, tornará visível, na sua realidade, com toda a exactidão, a natureza dos objectos aos quais o discurso se aplica. Ora, tal objecto é, com certeza, a alma [1]!

*Fedro* — Muito bem!

*Sócrates* — É esse, portanto, o objecto para onde se dirige o seu esforço: a persuasão é o objectivo que o orador se esforça por conseguir, não é verdade?

*Fedro* — Sem dúvida!

271 *Sócrates* — É evidente, portanto, que Trasímaco, ou quaisquer outros que tenham procurado ensinar a arte retórica com honestidade, deveriam ter começado por descrever a alma com toda a exactidão, demonstrando se ela é por natureza uma coisa sim-

[1] Platão insiste em que a arte retórica é uma psicogogia.



ples ou se, à semelhança do corpo, é uma coisa multiforme, pois, conforme dissemos, nisto consiste a definição da natureza de um objecto.

*Fedro* — Perfeitamente de acordo.

*Sócrates* — Eis agora o segundo ponto: qual é a acção que, por meio da sua natureza, a alma é capaz de produzir, e qual a influência que pode receber de outros objectos?

*Fedro* — Muito bem.

*Sócrates* — Finalmente, em terceiro lugar, depois de se terem classificado os géneros de discursos e os géneros da alma, bem como as modalidades respectivas, torna-se necessário estabelecer uma revisão das relações causais, estabelecendo a correspondência entre cada género e ensinando, a seguir, qual a espécie de discurso necessário para persuadir cada alma, apontar a causalidade desse facto e os motivos porque umas almas se deixam convencer por um género determinado, e, outras, se mantêm alheias às tentativas de persuasão.

*Fedro* — Se de facto assim se pode fazer, esse é, sem dúvida, o melhor dos métodos!

*Sócrates* — Podemos até dizer, meu caro, que, não sendo desta maneira, nenhum assunto, seja ele qual for, poderá ser descrito ou discutido com arte! Mas os que actualmente escrevem «artes oratórias» e dos quais tens ouvido falar, são homens astutos, pois conhecem muito bem a alma, embora a procurem ocultar, no jogo das escondidas. Por isso, não os

tomaremos como artistas enquanto não se exprimirem de maneira bem diferente...

*Fedro* — A que maneira te referes?

*Sócrates* — Não é muito fácil exprimir o método por palavras... todavia, direi como se deve escrever, para que a exposição seja tão artística quanto o tema o permita.

*Fedro* — Nesse caso, diz!

*Sócrates* — Tendo em vista que a função do discurso consiste na arte de conduzir as almas, na arte d da *psicogogia,* quem pretender tornar-se um orador de talento deve necessariamente conhecer quantas são as formas existentes na alma. Ora, há muitas espécies de homens, o que os leva a possuir caracteres diferentes. Uma vez estes caracteres discriminados, cumpre discriminar as variedades dos discursos. Há homens que serão persuadidos a renunciar, em virtude da sua natureza, por acção de uma espécie de discursos, inclusivamente às suas convicções, enquanto outros há que se manterão impermeáveis à influência desses discursos. O orador que tenha reflectido o suficiente e sobre estas determinações deve discernir com rapidez, na vida prática, o momento apropriado para utilizar uma ou outra forma de discurso, ter o faro muito apurado, para seguir a pista mais conveniente. De outra maneira, nunca chegará a saber mais do que já sabia, quando ainda frequentava a escola. Mas, quando se encontrar em condições de saber qual a espécie de discurso adequado a persuadir qualquer homem, quando, posto em frente de um indivíduo,



for capaz de dizer para si mesmo: «eis o homem, eis a 272 natureza que os mestres descreveram; agora que se encontra na minha presença, eis que vou utilizar o discurso apropriado para o persuadir da maneira conveniente» — quando, dizia eu, reunir todas estas condições, quando souber o momento em que deve calar-se e o momento em que deve intervir, quando souber fazer uso correcto do estilo conciso, do estilo piedoso, capaz de provocar a veemente indignação, ou de qualquer outra forma de discurso, sabendo distinguir o oportuno do inoportuno, nesse momento a b Arte atingiu a beleza e a perfeição. Até a esse momento, não! Digamos ainda: se qualquer orador, ou professor, ou escritor, esquecer uma só que seja destas regras, considerando-se, apesar disso, um perfeito dominador da sua arte, poderemos não acreditar. Entretanto, um autor de um livro de retórica poderia indagar de nós: — «Que dizeis, Fedro e Sócrates? Julgais isso o bastante? Não poderá existir, porventura, outro género de arte retórica?»

*Fedro* — Impossível, caro Sócrates, que haja outra! Mas isso não parece ser muito fácil!

*Sócrates* — Tens razão! Por esse motivo, cumpre examinar todas as teorias em todas as acepções, e assim verificar se não haverá por acaso um caminho mais fácil e mais rápido que conduza a esta arte, o c que evitaria que a nossa indagação se perdesse numa longa e áspera estrada, havendo outra mais curta e mais propícia. Se souberes de alguma coisa que nos possa ajudar, alguma coisa que tenhas ouvido a

Lísias, ou a qualquer outro, procura lembrar-te e dizê-la.

*Fedro* — É possível que tenha conversado sobre tal coisa, a título ocasional, mas não estou em condições de te esclarecer, como desejas.

*Sócrates* — Queres que seja eu a dizer a tese que ouvi a outros sobre este assunto?

*Fedro* — Pois com certeza.

*Sócrates* — Em todo o caso, amigo Fedro, existe um provérbio segundo o qual é justo defender, nem que seja a causa do lobo!.

*Fedro* — Faz então como diz o provérbio!

*Sócrates* — Pretendem os retóricos que não é necessário considerar o caso com modos tão solenes, nem estar com tantos rodeios. Com efeito, já no princípio da nossa conversa, tínhamos referido que um bom orador não carece de saber a verdade a respeito do que de bom e de justo há nas acções que os homens praticam, seja por temperamento, seja por educação. Não é necessário, para quem deseje ser um orador de talento, ao gosto corrente. Observa: nos tribunais, ninguém se preocupa com o conhecimento da verdade, cuidando-se apenas de saber o que é verosímil. De onde se segue que, quem pretende fazer discursos com arte, deve dirigir a sua atenção para isso que se designa por verosímil. Muitas vezes, nem convém revelar o que realmente aconteceu, se isso não for verosímil, apenas se devendo revelar o que parece ser verdadeiro. O orador deve atentar apenas no que é convincente, deixando de lado a verdade, tal a regra que cumpre observar nos discursos e na qual consiste a verdadeira arte.



*Fedro* — Acabas de referir ponto por ponto, caro Sócrates, a tese sustentada por muitos que se consideram mestres da arte oratória. Lembro-me perfeitamente de termos já focado esta questão. Pelos vistos, os retóricos consideram essa regra deveras importante!

*Sócrates* — Mas tu conheces muito bem as regras de Tísias, as quais já por mais de uma vez rebateste! O próprio Tísias nos dirá se o que entende por verosímil não é o que a multidão toma como verosímil!

*Fedro* — Que mais haveria ele de entender?

*Sócrates* — Pois ele considerou ter descoberto o seguinte exemplo, verdadeiro segredo da arte: quando um homem fraco mas corajoso — escreveu Tísias — ataca um homem forte mas covarde, lhe rouba a túnica ou qualquer outro objecto, uma vez conduzidos os dois litigantes ao tribunal, nenhum deles deve confessar a verdade. O covarde deverá declarar que o seu adversário não estava só quando o atacou; e o covarde tentará provar que ambos se encontravam sós, dizendo: «como ousaria eu atacar um homem tão forte?». O outro, receoso de confessar a sua covardia, procurará inventar novos e falsos argumentos para confundir a parte acusada. Também em assuntos de outra natureza as regras da arte retórica são semelhantes, não é verdade, Fedro?

*Fedro* — Evidentemente!

*Sócrates* — Por Deus! Parece então que foi necessário muito talento para descobrir uma arte assim tão misteriosa, quer ela tenha sido inventada por Tísias, quer por outro qualquer, conforme os retóricos apregoam aos quatro ventos! Devemos ou não devemos dizer-lhe, caro amigo?...

d *Fedro* — Dizer o quê?

*Sócrates* — Isto: já muito antes de apareceres, já muito antes das tuas intervenções, Tísias, tínhamos chegado à conclusão de que a verosimilhança tende a dominar o espírito das multidões em virtude da sua semelhança com a verdade! Quanto à similitude, já há momentos mostráramos que, quem conhecer a verdade, pode discernir o que é provável com toda a exactidão! Por consequência, se tiveres algo mais a dizer sobre a arte oratória, ouvi-la-emos com muito prazer, mas se não nos afastarmos do que já estabelecemos.

Quem não tenha classificado os caracteres dos seus futuros ouvintes; quem não for capaz de dividir e as coisas existentes segundo os seus caracteres específicos, e de reunir objectos particulares numa só ideia geral; jamais chegará a ser um artista da oratória dentro das possibilidades humanas! Ora isso é um resultado que ninguém consegue alcançar sem grande esforço, e só um insensato empreenderá tal tarefa com o único fito de se exibir perante os demais homens, não com o propósito de agradar aos deuses, pondo na sua escolha todas as suas energias, conforme os desejos dos deuses! Eis, Tísias, o que diz



quem é mais sábio do que nós: o homem com poder de discernimento não procurará tornar-se agradável 274 aos seus companheiros de escravidão, mas sim aos seus mestres de origem celeste. Eis porque não deves espantar-te com a extensão deste caminho, pois este caminho só deve ser percorrido em busca de grandes ideais, nunca por causa dos fins que tens em mente! A razão mostra-nos que, se alguém o desejar, poderá também atingir esse magnífico objectivo por outros caminhos, bem diferentes dos teus!

*Fedro* — Disseste muito bem, Sócrates, se efectivamente alguém o desejar...

*Sócrates* — Acrescentemos que, para o homem que pretende atingir o belo, belo será por conseguinte ter de enfrentar os obstáculos que a conquista b da beleza exige!

*Fedro* — Nada de mais verdadeiro!

*Sócrates* — Parece, agora, que já estabelecemos uma grande distinção entre a arte retórica verdadeira e aqueloutra, que merece o nome da arte...

*Fedro* — Estou certo disso.

*Sócrates* — ... embora ainda não tenhamos procurado saber o que convém e o que não convém escrever e quando a arte é bem ou mal aplicada, não é assim?

*Fedro* — Perfeitamente.

*Sócrates* — Por acaso sabes quais são as condições necessárias para que, já os discursos, já as acções, sejam agradáveis aos deuses?

*Fedro* — Não, e tu, sabes!

c *Sócrates* — Pelo menos, conheço uma lenda que nos foi transmitida pela tradição antiga. Se é verdadeira ou falsa, não sei, mas, se por nós mesmos pudéssemos descobrir a verdade, importar-nos-íamos com o que os homens dizem?

*Fedro* — Que pergunta! Vamos, conta-me essa história que dizes ter ouvido!

*Sócrates* — Pois bem: ouvi uma vez contar que, na região de Náucratis [1], no Egipto, houve um velho deus deste país, deus a quem é consagrada a ave que chamam íbis, e a quem chamavam *Thoth*. Dizem que d foi ele quem inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, bem como o jogo das damas e dos dados e, finalmente, fica sabendo, os caracteres gráficos (escrita). Nesse tempo, todo o Egipto era governado por Tamuz [2], que residia no sul do país, numa grande cidade que os gregos designam por Tebas do Egipto, onde aquele deus era conhecido pelo nome de Ámon. Thoth encontrou-se com o monarca, a quem mostrou as suas artes, dizendo que era necessário dá-las a conhecer a todos os egípcios. Mas o monarca quis saber a utilidade de cada uma e das artes e, enquanto o inventor as explicava, o monarca elogiava ou censurava, consoante as artes lhe pareciam boas ou más. Foram muitas, diz a lenda, as considerações que sobre cada arte Tamuz fez a Thot,

[1] Colónia grega no delta do Nilo. Platão visitou esta colónia aquando da sua estada no Egipto.

[2] Tamuz ou Amón, soberano divino.



quer condenando, quer elogiando, e seria prolixo enumerar todas aquelas considerações. Mas, quando chegou a vez da invenção da escrita, exclamou Thoth: «Eis, oh Rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória, pois com a escrita descobri o remédio para a memória. — «Oh, Thoth, mestre incomparável, uma coisa é inventar uma arte, outra julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros! Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode 275 vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos, b não a sabedoria em si mesma mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respectiva educação! Hão-de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros!»

*Fedro* — Com que facilidade inventas, caro Sócrates, histórias egípcias e de outras terras, quando isso te convém!

*Sócrates* — Dizem, caro amigo, que os primeiros oráculos no templo de Zeus, em Dodona [1], foram feitos por um carvalho! É evidente que os homens daquele tempo não eram tão sábios como os da nossa geração e, como eram ingénuos, o que um carvalho ou um rochedo dissessem tornava-se muito importante, conquanto lhes parecesse verídico! Mas para ti talvez interesse saber quem disse determinada coisa e de que terra é natural, pois não te basta verificar se essa coisa é verdadeira ou falsa!

*Fedro* — Tens razão para me castigar com essas palmatoadas mas, no que respeita à escrita, parece-me que o tebano tinha razão.

*Sócrates* — De onde se conclui o seguinte: se alguém expõe as suas regras de arte por escrito e um outro vem depois, que aceita esse testemunho escrito como sendo a expressão sólida de uma doutrina valiosa, esse alguém seria tolo, não entendendo o aviso de Ámon, e atribuiria maior valor às teorias escritas do que a um simples tópico para rememoração do assunto tratado no escrito, não é assim?

*Fedro* — Perfeitamente!

*Sócrates* — O maior inconveniente da escrita parece-se, caro Fedro, se bem julgo, com a pintura. As figuras pintadas têm atitudes de seres vivos mas, se alguém as interrogar, manter-se-ão silenciosas, o mesmo acontecendo com os discursos: falam das coisas como se estas estivessem vivas, mas, se alguém os

[1] Cidade grega, notável pelo templo em honra de Zeus.



interroga, no intuito de obter um esclarecimento, limitam-se a repetir sempre a mesma coisa. Mais: uma vez escrito, um discurso chega a toda a parte, tanto aos que o entendem como aos que não podem compreendê-lo e, assim, nunca se chega a saber a quem serve e a quem não serve. Quando é menoscabado, ou justamente censurado, tem sempre necessidade da ajuda do seu autor, pois não é capaz de se defender nem de se proteger a si mesmo.

*Fedro* — Continuas a exprimir-te com toda a justeza!

*Sócrates* — Deveremos agora examinar uma outra espécie de discurso, irmã legítima da precedente, como nasce, e em que é superior à outra espécie.

*Fedro* — A que espécie de discurso aludes, e como surge?

*Sócrates* — Refiro-me ao discurso conscienciosamente escrito, com a sabedoria da alma, ao discurso capaz de se defender a si mesmo, e que sabe quando convém ficar calado e quando convém intervir.

*Fedro* — Por acaso estás a referir-te ao discurso vivo e animado do sábio, do qual todo o discurso poderia ser tomado como um simples simulacro?

*Sócrates* — Exactamente a esse! Diz-me, então: um agricultor inteligente possui sementes às quais dá grande valor e de que pretende obter os frutos. Achas que esse agricultor pensaria em semear essas sementes, durante o Verão, nos jardins de Adónis [1], e que

[1] Adónis é a forma grega da palavra semítica *Adon*, o Senhor.

esperaria vê-las desenvolvidas, tornadas plantas, no prazo de oito dias? Seria possível que assim acontecesse, mas a simples título de culto religioso, na altura das festas em honra de Adónis. Mas, quanto às sementes a que deseje dar um fim útil, semeá-las-á em terreno apropriado, utilizando a técnica da agricultura, e sentir-se-á muito feliz se, ao oitavo mês, colher todas as que semeara!

c *Fedro* — É evidente, Sócrates, que esse homem faria ambas as coisas, uma com intenção séria, outra com intenção diversa!

*Sócrates* — Mas podemos nós dizer que o homem conhecedor do justo, do belo e do bom, dará às suas próprias sementes um uso menos avisado do que o agricultor?

*Fedro* — Por nada deste mundo!

*Sócrates* — Pois bem, é evidente que, quem conheça o justo, o bom e o belo não irá escrever tais coisas na água [1], nem usará um caniço [2] para semear os seus discursos, os quais, além de impotentes para se defenderem por si mesmos, não servem para ensinar correctamente a verdade.

*Fedro* — Pelo menos não seria provável que o fizessem!

d *Sócrates* — É evidente que não! Não deixará, naturalmente, de semear nos jardins literários, mas

[1] A imagem é muito bela e precisa. Na cultura popular portuguesa há o correspondente «ler na areia e escrever no mar».
[2] Caniço, espécie de grade, utilizada na lavoura.



apenas como passatempo. Ao escrever, apenas procurará acumular para si mesmo um tesouro de rememoração para a velhice, pois os velhos esquecem tudo. Tirará também grande prazer em escrever para os que seguem no seu caminho e muito se alegrará vendo crescer essas tenras plantas. Enquanto uns se divertirão em banquetes e outros festins semelhantes, o homem de quem falo divertir-se-á com as coisas que referi.

*Fedro* — Que magnífico divertimento, Sócrates, e quando comparado com essoutro género de divertimentos de que falaste! Que bela actividade a de um homem que se compraz escrevendo discursos sobre a Justiça, ou sobre outras virtudes!

*Sócrates* — Assim é, meu caro Fedro! Todavia, acho muito mais bela a discussão destas coisas quando se semeiam palavras de acordo com a arte dialéctica, uma vez encontrada uma alma digna para 277 receber as sementes! Quando se plantam discursos que se tornam auto-suficientes e que, em vez de se tornarem estéreis, produzem sementes e fecundam outras almas, perpetuando-se e dando ao que os possui o mais alto grau de felicidade que um homem pode atingir!

*Fedro* — Isso que agora disseste é ainda mais belo!

*Sócrates* — Já que chegámos a um acordo, caro Fedro, podemos decidir agora sobre outro assunto?

*Fedro* — Qual é ele?

*Sócrates* — Aquele que tentámos esclarecer e que nos conduziu até ao ponto a que chegámos, à censura b que dirigimos a Lísias por causa dos seus discursos escritos, o que, por sua vez, nos levou à classificação dos discursos, procurando saber o que tem arte e o que carece de arte. Tanto quanto me parece, julgo termos distinguido perfeitamente o que é arte do que não é arte!

*Fedro* — Sou do mesmo parecer. Voltemos então a rememorar isso!

*Sócrates* — A análise que fizemos demonstrou, entre o mais, o seguinte: não é possível elaborar discursos naturais com arte, seja para ensinar, seja para persuadir, quando se ignora a verdade sobre os objectos nos quais incide o que se diz, ou se escreve, isto é, quando não se está em posição de definir e dividir os objectos em espécies e géneros, quando não se estudou a natureza da alma e não se determinou os géneros c de discursos apropriados à persuasão de cada alma, e se, enfim, o discurso não tiver sido orientado de tal maneira que ofereça um teor complexo ou um teor simples, consoante a alma for, também, complexa ou simples!

*Fedro* — É evidente que foi assim, pouco mais ou menos, que o assunto se desenvolveu.

d *Sócrates* — E que diremos das condições em que proferir um discurso pode ser útil ou inconveniente? E em que circunstâncias um discurso pode ser motivo de censura? Por acaso não referimos também isto, há pouco?...



*Fedro* — Não compreendo!

*Sócrates* — ... que, ou Lísias, ou qualquer outro, poderão escrever um dia um discurso sobre um assunto, privado ou público, ou propostas legislativas, convicto de que possui grande solidez lógica e persuasiva — eis que isso é digno de censura porque ignorar, quer no estado de vigília, quer no sonho, o que é justo e o que é injusto, não sabendo distinguir e o bom do mau, é coisa que jamais escapa à merecida acusação, mesmo que tal homem consiga o apoio das multidões!

*Fedro* — Efectivamente!

*Sócrates* — Quanto ao outro, ao orador que ambos gostaríamos de imitar, pensaria que um discurso escrito, seja sobre que assunto for, contém necessariamente uma grande soma de motivos de fantasia, pois nenhum discurso, seja em verso, seja em prosa, merece o dispêndio de um grande esforço para a sua composição, o mesmo se podendo dizer dos discursos recitados pelos rapsodos, sem meditação e sem instrução, unicamente destinados a servir de instrumento de persuasão. Os melhores de todos 278 os discursos escritos são os que têm por fim servir de memorandos aos que conhecem tais discursos e somente nas palavras cujo fito é a instrução, assim se gravando na alma, sobre o que é justo, belo e bom, somente nessas encontramos uma perfeição digna dos nossos esforços. Apenas estes discursos, e só estes, merecem o nome de filhos legítimos do orador, primeiro, porque ele mesmo os gerou sob a força da ins-

piração, segundo, porque são capazes de gerar, nas b almas dos outros homens, irmãos que se mostrem dignos da família de que descendem. Quanto às demais espécies de discursos, tanto tu, Fedro, como eu, bem os podemos desprezar...

*Fedro* — Justamente! As tuas palavras encontram em mim enorme ressonância!

*Sócrates* — Bem, desta maneira nos conseguimos divertir imenso, falando sobre os discursos! Agora podes ir ter com Lísias e dizer-lhe que descemos à fonte e ao santuário das Ninfas e, aqui, fomos ouvin- c tes de discursos, tendo sido encarregados da seguinte tarefa: dirigirmo-nos a Lísias, bem como a qualquer outro autor de discursos; dirigirmo-nos igualmente a Homero ou a qualquer outro poeta, autor de poemas destinados a nunca serem cantados; e, finalmente, dirigirmo-nos ainda a Sólon e a todos os oradores políticos, para lhes transmitirmos a seguinte mensagem: — «Se possuís o conhecimento da verdade e sois capazes de a defender, se podeis ir, de viva voz, além do que escrevestes nos vossos discursos, a designação de retóricos não vos fica bem, pois melhor vos ficará uma denominação consentânea com a arte superior a que vos dedicais.»

*Fedro* — E que designação lhes pretendes dar?

*Sócrates* — A designação de *sábio*, Fedro, parece-me excessiva, pois não se aplica senão aos deuses; mas a designação de *filósofo* ou qualquer outro adjectivo análogo, seria mais apropriada para classificar tais personalidades [1].



*Fedro* — Mas isso não seria inteiramente descabido?

*Sócrates* — Não chamarás poeta, orador ou legislador, a um indivíduo que nada de valioso possui e senão o ter passado muito tempo a rever, tirando aqui para acrescentar além?

*Fedro* — Sem dúvida!

*Sócrates* — Então é isso mesmo que deves dizer ao teu amigo!

*Fedro* — E tu, que farás? Não podes esquecer o teu próprio amigo!

*Sócrates* — A quem te referes?

*Fedro* — Ao belo Isócrates [2]! Que mensagem lhe levarás, Sócrates? Que nome lhe haveremos de dar?

*Sócrates* — Isócrates é ainda muito jovem, Fedro! Por conseguinte, o mais que posso fazer é tentar adi- 279 vinhar e dizer-te o que prevejo para ele!

*Fedro* — Diz então o que auguras!

*Sócrates* — Auguro que, em virtude dos seus dons naturais, será capaz de vir a fazer melhor do que discursos à maneira de Lísias. Por outro lado, o seu carácter é muito mais nobre. Por isso, não será de admirar que Isócrates, à medida que se tornar maduro, venha a distinguir-se na arte da eloquência

[1] Seguindo sempre a regra pitagórica, Platão rememora a distinção entre o que possui a sabedoria e aquele que a procura.

[2] Isócrates, retórico muito famoso, autor de numerosos discursos, que sempre rejeitou os métodos utilizados pelos sofistas.

em que agora se exercita, de tal maneira que todos os que se dedicam à retórica pareçam aprendizes ao pé dele. Mas pode acontecer que não se sinta satisfeito com isso e venha a dedicar-se, por inspiração divina, b a assuntos mais elevados, pois o seu espírito é notavelmente propenso à filosofia! Em nome dos deuses que regem este lugar, será esta a mensagem que transmitirei ao bem amado Isócrates, assim como tu dirás a Lísias o que há pouco te expus!

*Fedro* — Entendido! E agora vamo-nos embora, pois que o calor já abrandou um pouco!

# Epílogo

*Sócrates* — Não achas que devemos rezar aos deuses deste lugar antes de nos irmos embora?

*Fedro* — Estou de acordo!

*Sócrates* — «Oh Divino Pã, e vós, deuses todos da corte celestial, deuses deste lugar, ajudai-me a buscar a beleza interior e fazei com que as coisas exteriores se harmonizem com a beleza espiritual [1]! Fazei com que o sábio me pareça sempre rico e que eu tenha tanta riqueza quanta um homem sensato for capaz de suportar e bem governar!» — Por acaso teremos algo mais a suplicar? Por mim, Fedro, acho que pedi tudo o que desejo! 279c

*Fedro* — Pois suplica para mim a mesma coisa, já que os amigos tudo devem possuir em comum! [2]

*Sócrates* — Então, vamos!

[1] Sócrates tinha-se por homem feio de aspecto. Era, contudo, um grande espírito, e ele próprio tinha a certeza da sua grande beleza espiritual.

[2] Amigos e companheiros são os que repartem o pão entre eles. Depois de tanta palavra equívoca e de tanta interrogação, Fedro encontra uma palavra de oiro para fechar o diálogo com Sócrates.

COLECÇÃO FILOSOFIA & ENSAIOS

ÁLVARO RIBEIRO
*ESCOLA FORMAL* ❧
*ESTUDOS GERAIS* ❧ *APOLOGIA E FILOSOFIA*
*MEMÓRIAS DE UM LETRADO*
ANTÓNIO QUADROS
*POESIA E FILOSOFIA DO MITO SEBASTIANISTA*
*PORTUGAL RAZÃO E MISTÉRIO*
ANTÓNIO TELMO
*GRAMÁTICA SECRETA DA LÍNGUA PORTUGUESA*
*DESEMBARQUE DOS MANIQUEUS NA ILHA DE CAMÕES*
*FILOSOFIA E KABBALAH* ❧ *ARTE POÉTICA*
ARISTÓTELES
*CATEGORIAS* ❧ *ORGANON*
AUGUSTE COMTE
*REORGANIZAR A SOCIEDADE*
BACON
*ENSAIOS*
BERGSON
*O RISO*
CLAUDE BERNARD
*INTROD. À MEDICINA EXPERIMENTAL*
CUNHA LEÃO
*O ENIGMA PORTUGUÊS*
*ENSAIO DE PSICOLOGIA PORTUGUESA*
DALILA PEREIRA DA COSTA
*GIL VICENTE E SUA ÉPOCA*
DANTE
*VIDA NOVA* ❧ *MONARQUIA* ❧ *O CONVÍVIO*
DESCARTES
*PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA* ❧ *DISCURSO DO MÉTODO*
ERASMO
*O ELOGIO DA LOUCURA*

EUDORO DE SOUZA
*MITOLOGIA*
FIDELINO DE FIGUEIREDO
*MÚSICA E PENSAMENTO*
*UM HOMEM NA SUA HUMANIDADE*
*O MEDO DA HISTÓRIA ❧ DIÁLOGO AO ESPELHO*
*AS DUAS ESPANHAS ❧ ENTRE DOIS UNIVERSOS*
*UM COLECCIONADOR DE ANGÚSTIAS*
FREUD
*MOISÉS E A RELIGIÃO MONOTEÍSTA*
GOETHE
*MÁXIMAS E REFLEXÕES*
HEGEL
*ESTÉTICA*
*PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA DO DIREITO*
HEIDEGGER
*CARTA SOBRE O HUMANISMO*
JEAN ROSTAND
*O HOMEM*
JOSÉ DE ARRIAGA
*A FILOSOFIA PORTUGUESA*
JOSÉ LUÍS CONCEIÇÃO SILVA
*OS PAINÉIS DO MUSEU DAS JANELAS VERDES*
JOSÉ MARINHO
*TEORIA DO SER E DA VERDADE*
KARL JASPERS
*INICIAÇÃO FILOSÓFICA*
KIERKEGAARD
*O BANQUETE ❧ TEMOR E TREMOR*
LATINO COELHO
*A CIÊNCIA NA IDADE MÉDIA*
LEONARDO COIMBRA
*O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTERO DE QUENTAL*
LOPES PRAÇA
*HISTÓRIA DA FILOSOFIA EM PORTUGAL*
MAQUIAVEL
*O PRÍNCIPE*
MERLEAU-PONTY
*ELOGIO DA FILOSOFIA*

NICOLAU BERDIAEFF
*CINCO MEDITAÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA*
NIETZSCHE
*GENEALOGIA DA MORAL ❧ A ORIGEM DA TRAGÉDIA*
*ANTICRISTO ❧ ECCE HOMO*
*ASSIM FALAVA ZARATUSTRA ❧ A GAIA CIÊNCIA*
*PARA ALÉM DE BEM E MAL ❧ CREPÚSCULO ÍDOLOS*
*DITIRAMBOS DE DIÓNISOS*
*CORRESPONDÊNCIA COM WAGNER*
ORLANDO VITORINO
*EXALTAÇÃO DA FILOSOFIA DERROTADA*
OSWALD SPENGLER
*HOMEM E A TÉCNICA*
PASCAL
*OPÚSCULOS*
PINHARANDA GOMES
*FILOSOFIA GREGA PRESOCRÁTICA*
*TEOLOGIA DE LEONARDO COIMBRA*
*CUNHA SEIXAS ❧ SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA*
*HISTÓRIA DA FILOSOFIA PORTUGUESA:*
III — *A Filosofia Arábigo-Portuguesa*
PORFÍRIO
*ISAGOGE*
PLATÃO
*REPÚBLICA ❧ FEDRO ❧ O SIMPÓSIO OU DO AMOR*
*APOLOGIA DE SÓCRATES*
PRADELINO ROSA
*UMA INTERPRETAÇÃO DE FERNANDO PESSOA*
RAMON OTERO-PEDRAYO
*ENSAIO DE CULTURA GALEGA*
SAMPAIO BRUNO
*CAVALEIROS DO AMOR*
SHELLEY
*DEFESA DA POESIA*
SOLOVIEV
*A VERDADE DO AMOR*
T.S.ELIOT
*ENSAIOS*
THOMAS MORUS
*A UTOPIA*
TOMÁS CAMPANELA
*A CIDADE DO SOL*